

# **Tradução, comentário e notas de** *Édipo em Colono* de Sófocles

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
do Instituto de Estudos da Linguagem da  
Universidade Estadual de Campinas como requisito  
parcial para a obtenção do título de Mestre em  
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira

Unicamp  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2003



A presente dissertação de mestrado, desenvolvida na área de Letras Clássicas, foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, como material parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística, na área de Letras Clássicas, sob orientação do Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira.

Como membro da banca examinadora estiveram presente:

Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira – IEL - UNICAMP

---

Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira – IEL – UNICAMP

---

Prof. Dr. Fernando dos Santos Brandão – UNESP (campus de Araraquara)

---

Unicamp  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2003

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA

IEL - UNICAMP

Zaniratto, Cristiane Patrícia

Tradução, Comentário e Notas de Édipo em Colono de Sófocles. / Cristiane Patrícia  
Zaniratto - Campinas, SP: [s.n.], 2003

Orientador: Flávio Ribeiro de Oliveira

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Tradução. 2. Tragédia Grega. 3. Séc. V a.C. 4. Sófocles. 5. Cultura Grega. I. Oliveira,  
Flávio Ribeiro de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da  
Linguagem. III. Título.

## **Resumo**

A presente dissertação de mestrado consiste em uma tradução da tragédia *Édipo em Colono* de Sófocles. A tradução foi desenvolvida em prosa, entretanto, respeitou-se o formato original em versos para facilitar uma possível comparação com o texto original.

Trata-se de um trabalho que visa respeitar o texto como foi elaborado por Sófocles, de modo que, sempre que possível, foram mantidas características do original, como jogos de palavras, metáforas etc.

À tradução segue um comentário sobre a última peça, visando esclarecer sobretudo alguns dos principais pontos do enredo, como a evolução do caráter de Édipo ao longo do drama e sua transformação em herói após sua morte apoteótica.



## Índice

Resumo.....	5
Agradecimentos.....	9
Notas introdutórias sobre o processo de tradução.....	11
Édipo em Colono.....	13
Entre o humano e o Divino.....	111
Bibliografia.....	127



## **Agradecimentos**

Agradeço sobretudo aos meus professores de Língua Grega Flávio Ribeiro de Oliveira e Trajano Augusto Ricca Vieira, sem os quais essa tradução não teria se viabilizado. Ao prof. Dr. Flávio presto ainda minha gratidão pela paciência e dedicação com que me orientou ao longo deste trabalho de mestrado. Agradeço ainda ao colega e amigo Renato Gonçalves Lopes, que se dispôs, com atenção extrema, ao laborioso processo de revisão do texto. Por fim, dirijo meus agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP), instituição que financiou o desenvolvimento deste trabalho durante os dois anos em que me dediquei ao mestrado.



## Notas introdutórias sobre o processo de tradução

A tradução de *Édipo em Colono* foi desenvolvida a partir da versão do texto original adotado por Lloyd-Jones e N. G. Wilson, apresentada em *Sophoclis Fabulae*, cuja referência bibliográfica encontra-se na página \_\_\_\_, referente à bibliografia adotada para este trabalho. A escolha justifica-se pelas interessantes soluções propostas pelos autores para versos que apresentam variações, quando comparados a outros manuscritos; soluções essas bem justificadas em *Sophoclea* – também constante na bibliografia – obra de fundamental importância para o processo deste trabalho. Evidentemente, não foram descartadas consultas a outros comentadores da peça, como Kamerbeek e Nuncciotti, autores citados na bibliografia que elucidam alguns trechos de difícil compreensão dos versos gregos.

A tradução a seguir foi desenvolvida em prosa, sem que houvesse grandes preocupações com questões relativas à métrica. A diagramação em versos, no entanto, foi mantida com o intuito de facilitar a comparação com o texto de Sófocles. A tradução é, em alguns momentos, bastante próxima do original, o que teve por objetivo realçar algumas características dos versos gregos, como a estrutura sintática, por exemplo, fato que não excluiu a preocupação com a língua portuguesa.

Deve-se esclarecer, por fim, que a ênfase desta dissertação está na tradução de *Édipo em Colono*, tragédia grega mais longa dentre as que chegaram aos dias atuais. O comentário sobre o drama, constante no final deste trabalho, visa chamar a atenção do leitor

para alguns pontos essenciais da tragédia em questão, pontos esses baseados na crítica de autores cuja obra têm enriquecido de maneira significativa o campo das letras clássicas.

# *Édipo em Colono*



## Prólogo

### Édipo

Filha de um cego ancião, Antígona,  
aonde chegamos; à qual cidade?

Quem hoje acolherá Édipo -  
um vagamundo - com dons escassos?

Pouco peço, menos ainda recebo 5  
e a mim isso basta.

As dores, o delongado Cronos que a mim se une  
e a nobreza ensinam-me a resignação.

Filha, se vês um assento em um espaço 10  
onde é lícito pisar ou em bosque sacro,  
para e acomoda-me para sabermos  
onde estamos: estrangeiros aprenderemos  
como os cidadãos e executaremos o que ouvirmos.

### Antígona

Pai, Édipo infausto, as torres 15  
Protetoras da cidade parecem distantes.

Este recinto é sacro: vicejam  
loureiros, oliveiras, vinhas. Rouxinóis,  
densas plumas, gorjeiam entre os ramos.

Dobra os membros na rude penha:  
ancião, cumpriste longa jornada. 20

### Édipo

Agora senta-me e cuida deste cego.

### Antígona

Por Cronos, não preciso aprender isso.

**Édipo**

Podes ensinar-me onde estamos?

**Antígona**

Conheço Atenas, mas não este lugar. <sup>1</sup>

**Édipo**

É o que todo transeunte nos dizia!

25

**Antígona**

Devo ir a alguma parte e aprender que local é este?

**Édipo**

Sim, filha, sobretudo se é habitável.

*(Um habitante de Colono se aproxima de Édipo e Antígona)*

**Antígona**

Mas é mesmo habitado! Julgo não ser preciso, pois, junto a nós, vejo este homem.

**Édipo**

Acaso, precipita-se e avança para cá?

30

**Antígona**

Melhor, já está presente! Fala o que a ti é oportuno proferir. Eis o homem!

**Édipo**

---

<sup>1</sup> Édipo e Antígona estão em Colono, de onde avistam a cidade de Atenas.

Estrangeiro, ouço dela, que por mim  
e por si própria enxerga, que vens a nós  
como observador propício para aclarar o que é obscuro... 35

**Estrangeiro**

Antes de indagares mais, deixa este posto:  
ocupas um lugar em que não é pio pisar.

**Édipo**

Que lugar é este? A que deus é consagrado?

**Estrangeiro**

Intangível e inabitado, pois as aterradoras  
deusas, filhas da Terra e do Escuro<sup>2</sup>, o ocupam. 40

**Édipo**

Por qual nome augusto devo evocá-las?

**Estrangeiro**

Eumênides, videntes de todas as coisas,<sup>3</sup>  
diria o povo daqui; alhures, outros nomes belos.

**Édipo**

Que, propícias, acolham o súplice:  
eu não deixaria ainda este posto! 45

**Estrangeiro**

O que dizes?

---

<sup>2</sup> Usualmente, se traduz a palavra “*skópos*” po “sombra”, mas, nesse caso, o termo grego foi traduzido por “escuro”, para que se preservasse o gênero masculino, essencial no presente contexto.

## **Édipo**

É o sinal do meu destino!

## **Estrangeiro**

Não me animo em expulsar-te sem o assenso  
da pólis antes de informar o que fazes!

## **Édipo**

Pelos deuses, estrangeiro, não me desonres –  
um vagamundo! Quero uma explicação!

50

## **Estrangeiro**

Indica e, por mim, não te exporás à desonra.

## **Édipo**

Qual é o local sobre o qual pisamos?

## **Estrangeiro**

Tudo quanto também sei, ouvirás e conhecerás.

Todo este local é sacro: Posídon Augusto

o ocupa e nele está o ignífero deus,

55

Titã Prometeu. O ponto que calcas

é chamado brônzeo umbral desta terra,<sup>4</sup>

baluarte de Atenas. Os campos vizinhos

orgulham-se em ter este cavaleiro, Colono,<sup>5</sup>

como protetor e portam seu nome,

60

que, em comum, a todos denomina.

---

<sup>3</sup> As Eumênides, também denominadas Erínias, eram entidades violentas, responsáveis por vingar os crimes de sangue. Protetoras da ordem social, costumavam se abater sobretudo contra aqueles que atentavam contra os laços familiares.

<sup>4</sup> Acreditava-se que o rochedo existente na entrada do Hades era composto por degraus de bronze. Os gregos supunham que a região norte de Atenas situava-se sobre esse rochedo.

<sup>5</sup> Presume-se que a estátua de Colono era visível do local da cena.

Eis os fatos, estrangeiros, não em versos  
narrados, mas sobretudo no convívio.

**Édipo**

Então há quem habite esses lugares?

**Estrangeiro**

Sim! Aqueles de quem este deus é epônimo.

65

**Édipo**

Alguém os governa ou a palavra cabe ao povo?

**Estrangeiro**

Esta terra é governada pelo rei da cidade.

**Édipo**

Quem é este que domina por força e poder?

**Estrangeiro**

Teseu se chama, prole de Egeu, seu antecessor.

**Édipo**

Dentre vós, algum enviado iria até ele?

70

**Estrangeiro**

Para quê: dizer-lhe ou dispor algo para ti?

**Édipo**

Para que ajude pouco e lucre muito.

**Estrangeiro**

De um homem que não vê, qual a ajuda?

### **Édipo**

Tudo quanto dissermos, diremos lúcidos.

### **Estrangeiro**

Estrangeiro, sabe como não falhar agora? 75

Como és nobre, nota-se, exceto por tua sorte,  
fica aqui, onde surgiste, até que eu vá  
e conte esses fatos aos cidadãos daqui,  
não aos da cidade. Eles decidirão  
se deves ficar ou partir novamente. 80

*(O estrangeiro deixa a cena)*

### **Édipo**

Filha, apartou-se de nós o estrangeiro?

### **Antígona**

Apartou-se. Profere tudo com calma,  
pai, pois só eu estou por perto.

### **Édipo**

Soberanas, olhar apavorante, já que o posto vosso  
desta terra é o primeiro em que repousei, 85  
não sejais insensíveis comigo e com Febo,<sup>6</sup>  
que, ao vaticinar aquelas agruras diversas,  
anunciou esta pausa, após longo tempo,  
ao chegar ao postremo país, onde das deusas  
augusta, o posto próprio a estrangeiros eu tomaria. 90  
Aqui anunciou findar a vida infausta;

---

<sup>6</sup> Epíteto de Apolo.

ao me fixar, lucro aos acolhedores  
 e dano aos perseguidores.  
 Assegurou-me que viriam sinais disso:  
 tremores, algum trovão, raios de Zeus. 95  
 Agora compreendo – não há dúvida –  
 que um fiel augúrio vosso conduziu-me  
 nesta jornada a este bosque, pois jamais,  
 vagando, deparar-me-ia primeiro convosco –  
 eu, sóbrio, com as abstinências<sup>7</sup> - nem me teria 100  
 assentado sobre este Augusto e rude degrau.  
 Deusas, pelos apolíneos oráculos, dai-me  
 passagem e um término de vida,  
 se não pareço faltar em algo, servidor eterno  
 com os mais duros trabalhos dos mortais. 105  
 Ide, ó doces filhas da primeva Sombra,  
 ide, ó majestosa Palas, chamada Atenas,  
 dentre todas a polis mais honrada,  
 contristai-vos por este mísero espectro  
 de Édipo, pois a forma já não é a de outrora. 110

### **Antígona**

Cala-te! Chegam anciãos  
 para examinar teu posto.  
 Calar-me-ei! Esconde-me no bosque,  
 Longe, onde não seja visto da estrada,  
 até que eu saiba que palavras dirão. 115  
 No saber está a precaução das ações.

### **Párodo**

#### **Coro**

---

<sup>7</sup> Era proibido oferecer vinho em libações às Eumênides.

Olha! Quem era? Onde está? (estrofe A)  
Para onde foi o de todos  
de todos o mais impudente? 120  
Procura, saúda,  
perscruta por tudo! Prófugo,  
prófugo é o senil forasteiro!  
Pois não teria irrompido 125  
no intangido bosque  
destas virgens indômitas,  
cujo nome trememos ao falar,  
em cuja presença passamos cegos, 130  
tácitos, mudos, deixando à boca  
a linguagem do silêncio reverente.  
Agora há rumores de que  
chegam sem respeitá-las.  
Busco-o por todo o templo 135  
e ainda não consigo  
saber onde ele está.

### **Édipo**

Sou quem buscais! Vejo com a voz  
como se costuma dizer.

### **Coro**

Ai, ai!  
Terrível ver-te, terrível ouvir-te! 140

### **Édipo**

Rogo: não me olheis como ímpio!

### **Coro**

Zeus, protetor, quem é o ancião?

### **Édipo**

Alguém que não há de se felicitar  
pela sorte, ó guardiões deste país. 145  
É evidente! De outro modo, assim  
com olhos alheios não me arrastaria  
e, grande, não aportaria com micro âncoras!<sup>8</sup>

### **Coro**

Ai! Olhos cegos (Antístrofe A)  
acaso os tens desde o nascer? 150  
Lúgubre e longa vida tiveste, parece.  
Mas, por mim, às tuas não unirás  
estas maldições. Estás indo longe, 155  
longe demais! Para que não adentres  
o bosque mudo e gramíneo,  
onde está o vaso, cuja  
água e o fluxo de mélica  
bebida se imiscuem, 160  
evita bem isso, aflito forasteiro!  
Muda-te! Retira-te!  
Ampla via nos aparta!  
Ouves, errante, múltiplas penas? 165  
Se tens alguma palavra  
para discutir comigo, não pises  
o chão que não é pio pisar.  
Vem para onde é lícito falar. Antes, abstém-te!

### **Édipo**

---

<sup>8</sup> A metáfora náutica era comum na tragédia grega.

Filha, que conselho seguir?

170

**Antígona**

Pai, deves agir como os cidadãos,  
cede no que é preciso e os ouve.

**Édipo**

Toma agora a minha mão

**Antígona**

Já a toco.

**Édipo**

Estrangeiro, que eu não seja injustiçado  
por confiar em ti e mudar de lugar.

175

**Coro**

Por certo, deste posto, ancião,  
contra tua vontade jamais te levarão.

(Estrofe B)

**Édipo**

Prossigo mais?

**Coro**

Caminha ainda mais!

**Édipo**

Ainda?

**Coro**

Moça, fá-lo progredir  
mais, pois tu entendes.

180

**Antígona**

Segue! Segue com esses passos  
cegos, pai, para onde te levo.

**Édipo**  
.....

**Antígona**  
.....  
.....

**Édipo**  
.....<sup>9</sup>

**Coro**

Estrangeiro em terra estrangeira,  
infeliz, resigna-te a odiar 185  
o que à cidade não é caro  
e o que lhe é caro, a venerar.

**Édipo**

Então leva-me, filha, para onde  
pisando em chão pio,  
possamos falar e ouvir. 190  
Contra a necessidade não guerreemos!

**Coro**

Pára! Além deste pétreo degrau (Antístrofe B)  
não mais apóies teu pé!

---

<sup>9</sup> As falas de Édipo e Antígona foram perdidas. Conclui-se isso pelo fato de que os versos 176 – 187, que formam a estrofe, devem corresponder metricamente aos versos 192 –206, que formam a antístrofe.

**Édipo**

Assim?

**Coro**

Basta, como ouves!

**Édipo**

Devo sentar-me?

**Coro**

Curvado sobre a beira 195  
da penha, bem agachado.

**Antígona**

Pai, isso me cabe. Com calma  
harmoniza passo a passo. 199

**Édipo**

Ai! Ai de mim! 198

**Antígona**

Apóies teu velho corpo 200  
sobre minha mão amiga.

**Édipo**

Ai de mim! Destino infando!

**Coro**

Infeliz, agora que descansas, diz!  
Qual é a tua origem?  
Quem és, multi-sofredor, que és guiado? 205  
Posso saber qual é tua pátria?

**Édipo**

Apátrida, estrangeiros, mas não...

**Coro**

O que é isso que proibes, ancião?

**Édipo**

Não! Não indagues quem sou,  
não vasculhes, nem explores mais!

210

**Coro**

O que há?

**Édipo**

Terrível gênese a minha!

**Coro**

Dize!

**Édipo**

Filha, ai de mim, o que falar?

**Coro**

Qual a tua linhagem paterna,  
estrangeiro? Profere!

215

**Édipo**

Ai! O que será de mim, filha?

**Coro**

Dize, já que vais ao ponto extremo!

**Édipo**

Então declararei, não há como ocultar.

**Coro**

Demorais em demasia. Apressa-te!

**Édipo**

De Laio conheceis algum...

**Coro**

Oh! Ai, ai!

220

**Édipo**

E a raça dos Labdácidas?

**Coro**

Oh, Zeus?

**Édipo**

E o mísero Édipo?

**Coro**

Então és tu?

**Édipo**

Em nada temais o que digo!

**Coro**

Ai, ai!

**Édipo**

Mísero!

**Coro**

Ai, ai!

**Édipo**

Filha, o que haverá agora? 225

**Coro**

Fora! Abandonai o país!

**Édipo**

E o que prometeste? Quando cumprirás?

**Coro**

A ninguém vem vingança fatal  
por vingar-se do que antes se sofreu. 230

Enganos que outros enganados compensam  
retribuem dor e não favor!

Tu, de novo, aparta-te do recinto!

Dista, deixa minha terra!

Não imponhas dificuldade 235  
ainda maior à minha cidade.

**Antígona**

Estrangeiros, ânimo compassivo,  
já que não suportais este meu  
pai senil após ouvir dele  
o relato de seus feitos involuntários, 240

apiedai-vos, ao menos, - suplicamos,  
estrangeiros – de mim, desditosa,  
que por meu pai infeliz rogo.

Rogo – não com cegos olhos teus olhos  
mirando, mas como alguém que 245

de vosso sangue se revela - que o mísero  
encontre compaixão. De vós dependemos  
como de um deus, nós infelizes.

Ide! Consenti na inesperada graça!  
Rogo pelo que te é caro em casa: 250  
filho, esposa, posses ou deus,  
pois não acharias, olhando bem,  
mortal que consiga escapar  
se um deus o conduzir.

### **Primeiro Episódio**

#### **Coro**

Sabe, filha de Édipo, por ti e por ele  
igualmente nos apiedamos pela desgraça, 255  
mas tememos as ações divinas e não  
poderíamos proferir mais do que foi dito.

#### **Édipo**

Qual é então o ganho da fama  
e da bela glória se em vão se esvaem,  
já que dizem ser Atenas a mais reverente 260  
aos deuses, única capaz de salvar o estrangeiro  
oprimido, única capaz de defendê-lo?  
Onde está tudo isso para mim?  
Vós que deste degrau me afastastes  
me banis agora só por temer meu nome? 265  
Pois não é meu corpo, não são meus atos,  
já que meus atos, sabe, antes os sofri do que os cometi,  
se preciso narrar as ações de minha mãe  
e de meu pai, pelas quais me receais. Bem sei!  
Contudo, como posso ser por natureza vil, 270  
eu, que sofri e revidei, de modo que, mesmo  
se ciente agisse, nem assim seria vil!  
Mas cheguei onde cheguei inconsciente

e aqueles por quem sofri, cientes, me arruinaram.  
Diante disso, pelos deuses, rogo, estrangeiros: 275  
Assim como me afastastes, salvai-me!  
Não honreis os deuses para depois  
torná-los inglórios de modo algum!  
Vêde que seu olhar se volta ao mortal reverente,  
mas seu olhar também se volta ao irreverente 280  
e ao ímpio ainda não houve fuga dos deuses.  
Junto deles não ofusques tu a próspera  
Atenas por servir com feitos ímpios.  
Mas, como me tomaste por súplice com uma promessa,  
protege-me e defende-me. Não me desonres, 285  
ao olhar minha face terrível de se ver.  
Pois chego sacro, reverente e trago ganho  
a estes cidadãos. Quando um chefe estiver aqui –  
quem quer que seja vosso líder –  
então, ouvirás tudo e saberás. 290  
Por enquanto, de modo algum te tornes vil.

### **Coro**

Devo temer muito tuas razões,  
ancião, pois foram formuladas  
com palavras não vãs. Mas apraz-me  
que os reis desta terra decidam isso. 295

### **Édipo**

E onde está o senhor deste país, estrangeiros?

### **Coro**

Habita a cidade paterna. O núncio  
que me enviou aqui partiu para buscá-lo.

**Édipo**

Acaso julgais que por um cego terá algum  
respeito ou apreço, para que ele próprio venha? 300

**Coro**

É certo, ao menos quando escutar teu nome.

**Édipo**

Quem é que lhe anuncia esta notícia?

**Coro**

Longa é a via. As palavras de viajantes  
muito se aprazem ao vagar. Confia!  
Ao ouvir isso, estará aqui. Pois teu nome, 305  
ancião, muito se difunde por todos. Assim, mesmo que  
calmo repouse, ouvindo sobre ti, célere chegará.

**Édipo**

Que venha trazer fortuna a sua cidade e a mim.  
Que homem nobre não é seu próprio aliado?

**Antígona**

Ó Zeus, o que dizer? O que pensar, pai? 310

**Édipo**

O que há, Antígona, filha?

**Antígona**

Vejo uma mulher

Que se aproxima de nós, montada em uma potra  
do Etna. Na cabeça, um chapéu da Tessália,

que lhe encobre a face, a priva do sol.  
O que falar? 315  
É? Não é? Será que meu juízo me extravia?  
Digo, contradigo, não sei o que dizer!  
Infeliz!  
Não é outra! Ao menos com olhar rútilo  
acena, avança e sinaliza algo. 320  
Só pode ser ela – é claro – Ismene!

**Édipo**

O que falas, filha?

**Antígona**

Vejo tua filha e minha irmã.

Logo poderás reconhecê-la pela voz.

**Ismene**

Pai e irmã, as duas mais doces palavras para mim!  
Com quanto custo vos encontrei! E agora, 325  
devido ao pesar, com custo vos olho!

**Édipo**

Filha, chegaste?

**Ismene**

Ó pai, disforme ao olhar!

**Édipo**

Filha, estás aqui?

**Ismene**

Não sem minha dor!

**Édipo**

Toca-me filha!

**Ismene**

Seguro ambos simultaneamente.

**Édipo**

Ó filhas, irmãs!

**Ismene**

Vidas bitormentadas!

330

**Édipo**

A dela e a minha?

**Ismene**

Em terceiro tormentada a minha!

**Édipo**

Filha, por que vieste?

**Ismene**

Para cuidar de ti!

**Édipo**

Por saudade?

**Ismene**

E para em pessoas dar notícias,  
unida a um servo, único no qual confiei.

**Édipo**

Onde estão teus jovens irmãos<sup>10</sup> para sofrer?

335

**Ismene**

Estão onde estão! Terrível ensejo para eles!

---

<sup>10</sup> Eteocles e Polinices.

## **Édipo**

Aqueles dois, símiles em tudo aos costumes  
do Egito, em natureza e modo de vida!

Pois lá, enquanto os homens em casa ficam  
sentados a tecer, suas esposas 340  
sempre saem para ganhar a vida.

Para vós, filhas, eles que deviam sofrer isso,  
moram na morada como donzelas e vós  
duas, ao invés dos dois, sofreis meus males –  
infeliz de mim! Uma, desde que deixou 345  
a tenra idade e seu corpo tomou força –

infausta – sempre comigo errante,  
guia o velho pai por agrestes bosques,  
vagando sem comer e com pés descalços.  
Abatida por múltiplas tormentas e 350  
abrasada pelo sol, a infeliz julga secundário  
o alento do lar, se o pai tiver sustento.

E tu, filha, oculta aos Cadmeus,  
antes vieste portar ao pai todos os oráculos  
que concernem a mim. Foste fiel guardiã 355  
dos interesses meus, quando fui banido da terra.

E agora, Ismene, que palavras trazes ao pai?  
Que missão te fez deixar o lar?  
Não vens sem razão, isso eu bem sei:  
trazes-me um motivo de temor, suponho. 360

## **Ismene**

Os padeceres que padeci, pai,  
buscando onde manténs a vida,  
abandonarei. Não quero sofrer duplamente,

afligindo-me de novo ao contá-los.  
Vim para te expor o mal que agora 365  
envolve teus dois desgraçados filhos.  
Antes aprazia-lhes deixar o trono  
a Creonte e não macular a cidade.  
À luz da razão viam o antigo exício da raça  
a que ponto se abatera sobre tua mísera casa. 370  
Mas agora, por obra de um deus ou de uma mente nefasta,  
vem aos dois – três vezes míseros – uma disputa atroz  
para tomar o poder e o domínio real.  
O mais jovem, há menos tempo nascido,  
priva do trono Polinices, que nasceu 375  
antes, e o expulsa da pátria.  
E este, segundo rumores que crescem entre nós,  
partiu em fuga para a côncava Argos,<sup>11</sup>  
e faz nova aliança e companheiros de armas  
para em breve tomar honrosamente 380  
a planície Cadméia ou para elevá-la ao céu.  
Isso não é mero palavatório, pai,  
mas fatos terríveis! Não posso saber  
como os deuses apiedar-se-ão de tuas penas.

### **Édipo**

Já tiveste esperança de que os deuses dar-me-ão 385  
atenção, de modo a salvar-me algum dia?

### **Ismene**

Eu tenho, pai, pelos oráculos de agora.

### **Édipo**

---

<sup>11</sup> O epíteto “côncava” se aplica a Argos pelo fato de que a cidade era situada em uma região entre montanhas.

Quais são eles? O que vaticinam, filha?

**Ismene**

Os habitantes de lá<sup>12</sup> procurar-te-ão um dia  
morto ou vivo por causa da prosperidade.

390

**Édipo**

Mas quem teria sucesso por obra de um tal homem?

**Ismene**

Dizem que o poder deles está em ti.

**Édipo**

Quando nada mais sou, então sou um homem?

**Ismene**

É que agora os deuses te elevam, antes te arruinavam.

**Édipo**

É vão elevar um velho que tombou jovem!

395

**Ismene**

Mas, fica sabendo que, por isso,  
Creonte virá em curto e não ilimitado tempo.

**Édipo**

Para fazer o quê, filha? Explica-me.

**Ismene**

Para te deixar perto da terra Cadméia, de modo que

---

<sup>12</sup> Tebas

dominarão sobre ti, sem que adentes os limites da terra.

400

**Édipo**

E que lucro traz o que diante da porta jaz?

**Ismene**

Para eles, teu sepulcro infeliz é um pesar.

**Édipo**

Pode-se entender isso pela razão, sem um deus.

**Ismene**

Por isso, então, querem te deixar junto ao país,  
não onde poderias dominar sobre ti próprio.

405

**Édipo**

Acabo me cobrirão com o pó tebano?

**Ismene**

Mas o sangue vertido de um parente não deixa, pai!

**Édipo**

Então, jamais dominarão sobre mim!

**Ismene**

Então, um dia, isso será um peso para os Cadmeus.

**Édipo**

Filha, em que conjuntura isso se revela?

410

**Ismene**

Sob tua ira, quando ficarem ante tua sepultura.

**Édipo**

O que afirmas, dizes ao ouvir de quem, filha?

**Ismene**

De homens enviados a Delfos.

**Édipo**

De fato, Febo declara isso sobre mim?

**Ismene**

Como dizem os que tornaram ao solo tebano.

415

**Édipo**

Então algum de meus filhos ouviu isso?

**Ismene**

Igualmente, ambos o sabem com clareza.

**Édipo**

E os misérrimos, ao escutar essas coisas,  
antepõem a tirania à saudade de mim?

**Ismene**

Sofro ao escutar isso, mas suporto.

420

**Édipo**

Que os deuses não lhe extingam  
a fatal disputa e que para ambos  
caiba a mim a decisão desta contenda,

que agora ambos travam, erguendo o gládio!  
Pois aquele que agora tem o cetro e o trono 425  
não poderia ficar, nem retornar aquele  
que foi banido. Quando eu, pai deles,  
fui desonrosamente expulso da pátria,  
não me detiveram, não defenderam, ao contrário,  
no que lhes toca, fui banido e proclamaram meu exílio. 430  
Poderias dizer que como eu, então, desejava isso,  
a cidade consentiu no dom com razão?  
Não mesmo, já que naquele mesmo dia,  
quando a alma fervilhava e ser-me-ia  
aprazível perecer lapidado com pedras, 435  
ninguém surgiu para me ajudar nesse desejo.  
Passado um tempo, quando a dor toda abrandara  
e compreendi que minha alma se excedera  
ao punir em excesso os erros anteriores,  
naquele instante, então, a cidade me bania 440  
de minha terra à força e eles, filhos deste pai,  
ao pai não podendo ajudar, não quiseram agir  
e, por falta de uma breve palavra deles,  
fui exilado, mendicante, e pus-me a vagar para sempre.  
Por obra dessas duas, que são moças, o quanto 445  
a natureza lhes permite, tenho meio de vida,  
segurança na terra e o socorro da família.  
Mas os dois ao pai preferem apoderar-se  
do trono e do cetro e reinar sobre o país.  
Mas nunca ter-me-ão como aliado 450  
e nem deste reinado em Tebas lhe virá proveito.  
Eu sei disso após ouvir dela os oráculos  
e após refletir nas profecias preditas  
para mim que Febo enfim cumpriu.

Por isso, que enviem Creonte para me buscar 455  
e quem mais tiver força na cidade.

Se vós, estrangeiros, desejardes, unidos  
a estas deusas augustas, tutelares do demo,  
dar-me-ão proteção, obtereis um grande salvador  
para esta cidade e, para os inimigos, pesares. 460

**Coro**

És digno de lamentações, Édipo,  
tu e tuas filhas. Já que te auto proclamas  
salvador desta terra com essas palavras,  
desejo aconselhar-te procedimentos úteis.

**Édipo**

Caríssimo, guia-me para que eu tudo cumpra! 465

**Coro**

Oferece uma lustração a estas deusas,  
ante as quais primo chegaste e cujo chão calcaste.

**Édipo**

Como, estrangeiros, ensinai!

**Coro**

Primeiro traz sacras libações, tocadas  
por mãos limpas, da fonte que sempre flui. 470

**Édipo**

E quando eu pegar essa corrente pura?

**Coro**

Há crateras, obra de hábil artesão:  
coroa a borda e as asas de ambos os lados da boca.

**Édipo**

Com ramagens, flocos de lã ou de que modo?

**Coro**

Com toirão recém tosquiado de um cordeiro novo.

475

**Édipo**

Que seja! E depois, por onde devo concluir?

**Coro**

Esparge as libações de pé, voltando primeiro ao oriente.

**Édipo**

Devo espargi-las com os vasos que mencionas?

**Coro**

Sim, em tripla aspersão, mas a última, inteira.

**Édipo**

Enchendo-os com o quê? Ensina também isso!

480

**Coro**

Com água, mel, mas não tragas vinho!

**Édipo**

E quando a terra negra sob as folhas receber isso?

**Coro**

Com as duas mãos, põe nela três vezes nove  
galhos de oliveira e roga estas súplicas...

**Édipo**

Quero ouvi-las. São de grande importância! 485

**Coro**

“Como as chamamos “Benevolentes”,  
que com ânimo benévolo acolham o súplice  
salvador.” Pede tu próprio ou alguém por ti,  
proferindo em voz inaudível, não elevando grito.  
Depois, afasta-te e não te voltes. 490  
Ao procederes assim, confiante, poderei te ajudar;  
de outro modo, estrangeiro, temeria por ti.

**Édipo**

Filhas, ouvís estes estrangeiros, habitantes daqui?

**Ismene**

Ouvimos. Ordena o que é preciso fazer.

**Édipo**

A mim não é viável, pois não sou capaz 495  
por não ter forças e por não ver, duplo mal.  
Que uma de vós vá e execute esses procedimentos:  
penso que, em vez de mil, baste uma alma  
para expiar isso, se tiver boa vontade.  
Ide, praticai célere, mas não me deixeis só, 500  
pois meu corpo solitário não teria forças  
para prosseguir sem um guia.

**Ismene**

Pois bem! Irei fazê-lo, mas desejo conhecer  
o lugar onde devo prestar o serviço.

**Coro**

Além deste bosque, estrangeira. Se faltar  
algo, há quem lá habite, que te esclarecerá. 505

**Ismene**

Posso ir lá! Antígona, cuida do pai aqui.  
Se pelos genitores alguém padece,  
não se deve ter em mente o padecer. 509

*Ismene sai de cena*

**Coro**

Terrível é despertar um mal que jaz,  
ó estrangeiro; (estrofe A)  
contudo, desejo saber...

**Édipo**

O quê?

**Coro**

...a dor, com a qual te deparaste,  
que irremediável se revelou...

**Édipo**

Por tua hospitalidade, não declares  
as ações que impudentemente sofri. 515

**Coro**

Quero ouvir corretamente, estrangeiro,  
o super difundido relato que jamais cessa.

**Édipo**

Ai de mim!

**Coro**

Consente! Suplico!

**Édipo**

Ai, ai!

**Coro**

Obedece: também o farei em quanto desejares! 520

**Édipo**

Sofri misérias, estrangeiros, sofri a contragosto.

Que o deus o saiba: (antístrofe A)  
nada disso foi voluntário...

**coro**

com relação a quê?

**Édipo**

A cidade, sem saber, com um mísero leito, 525  
atou-me a núpcias nefandas...

**Coro**

É por causa de tua mãe, como ouço,  
que é infame o leito que ocupaste?

**Édipo**

Ai de mim! É a morte ouvir isso,  
ó estrangeiro! E essas minhas duas...

530

**Coro**

Como dizes?

**Édipo**

...filhas, duas maldições...

**Coro**

Ó Zeus!

**Édipo**

...saíram do ventre daquela que também é minha mãe!

**Coro**

São nascidas de ti e...

(estrofe B)

**Édipo**

Ao mesmo tempo irmãs do pai!

535

**Coro**

Ai!

**Édipo**

Ai! Assaltos  
de múltiplos males!

**Coro**

Sofreste...

**Édipo**

Sofri dores inolvidáveis!

**Coro**

Cometesteste...

**Édipo**

Não cometi!

**Coro**

O que foi então?

**Édipo**

Recebi

um dom que eu, infausto coração,  
jamais deveria obter após ter ajudado.<sup>13</sup>

540

**Coro**

Infeliz! E então? Deste a morte...

(antístrofe B)

**Édipo**

O que dizes? O que queres saber?

**Coro**

...a teu pai?

**Édipo**

Pela segunda vez  
golpeaste-me! Chaga sobre chaga!

**Coro**

Mataste...

---

<sup>13</sup> Édipo se refere ao episódio anterior a essa tragédia, em que livrou Tebas das maldições da Esfinge. Por ter derrotado o monstro, o herói recebeu o trono da cidade e a mão de Jocasta como recompensa.

**Édipo**

Matei! Mas há...

545

**Coro**

O que dizes?

**Édipo**

...uma razão!

**Coro**

Qual?

**Édipo**

Eu explicarei:

perturbado pela maldição, matei e aniquilei,  
mas puro perante a lei. Sem saber cheguei a isso.

**Coro**

Mas eis presente nosso rei, filho de Egeu,  
Teseu, que partiu ao teu chamado.

550

**Teseu**

Após ouvir de muitos, no passado,  
sobre a sangrenta mutilação de teus olhos,  
reconheço-te, ó filho de Laio, e agora,  
ao ver-te nestas vias, estou certo.

Pois as vestes e a desditosa face  
nos revelam quem és e, por te lamentar,  
quero interrogar, Édipo infausto,  
com que súplica vens a mim e à cidade,  
tu e a infausta que te acompanha.

555

Declara! Pois só se mencionasses  
alguma ação terrível demais eu recuaria.

560

Sei que, como tu, eu mesmo fui educado  
no exílio e, sendo um só homem em terra estranha,  
enfrentei perigos, pondo em risco minha vida,  
de modo que não poderia evitar socorrer 565  
ninguém que fosse estrangeiro como tu és agora.  
Sei que sou homem e que do amanhã  
não cabe maior parte a mim do que a ti.

**Édipo**

Teseu, tua nobreza, em poucas palavras  
permitiu que me fosse preciso falar pouco, 570  
pois quem sou, de que pai fui gerado  
e de que terra vim, tu o disseste,  
de modo que nada me resta, exceto  
dizer o que desejo e o discurso estará feito.

**Teseu**

Diz isso agora mesmo para que eu o saiba! 575

**Édipo**

Venho para te ofertar meu mísero corpo.  
Não é um dom precioso pela aparência,  
mas seu valor é melhor que uma bela forma.

**Teseu**

E que tipo de valor julgas ter trazido?

**Édipo**

Podes saber com o tempo, não no presente, suponho. 580

**Teseu**

Em que tempo seu benefício manifestar-se-á?

**Édipo**

Quando eu morrer e fores meu sepultador.

**Teseu**

Pedes pelos instantes finais de tua vida;  
e o entremeio, esqueces ou por nada o tomas?

**Édipo**

É que, então, ele será colhido.

585

**Teseu**

Mas este favor que me pedes é insignificante!

**Édipo**

Vê bem: não é diminuta, não, essa disputa.

**Teseu**

Falas de teus filhos ou de quê?

**Édipo**

Eles ordenarão que me levem para lá.<sup>14</sup>

**Teseu**

Mas, se queres ir, o exílio não te é grato.

590

**Édipo**

Mas, quando eu mesmo queria, não deixaram!

---

<sup>14</sup> Tebas.

**Teseu**

Ó tolo! A irritação em males é improfícua!

**Édipo**

Quando eu explicar, adverte; agora, refreia-te.

**Teseu**

Diz! Pois não posso censurar-te sem saber.

**Édipo**

Sofri, Teseu, males sobre males!

595

**Teseu**

Queres falar da antiga desgraça de tua raça?

**Édipo**

Não! Todos os gregos relatam isso.

**Teseu**

Então o que sofres além da medida humana?

**Édipo**

Eis meu caso: fui banido de minha terra

por meus próprios descendentes.

600

Jamais há retorno para mim, que sou parricida.

**Teseu**

Como buscar-te-iam, se deves habitar à parte?

**Édipo**

A voz divina há de obrigá-los.

**Teseu**

Temendo que pesar predito pelo oráculo?

**Édipo**

Que deverão ser vencidos neste país. 605

**Teseu**

E como minha relação com eles se converteria em fel?

**Édipo**

Caríssimo filho de Egeu, só para os deuses  
não há velhice nem morte algum dia;  
todo o resto Cronos onipotente destrói.

Perece o vigor da terra, perece o do corpo; 610

morre a confiança, brota a desconfiança  
e o mesmo ânimo nunca permanece  
entre amigos nem de cidade para cidade.

Para uns já, para outros depois  
a alegria converte-se em fel e depois em amizade. 615

Se para Tebas hoje, há dias de sol  
para ti, Cronos infinito transcorre  
e gera infinitas noites e dias,  
nos quais com o gládio dispersarão  
sob suave pretexto a sinfonia benévola de agora, 620

lá, onde meu dormente e oculto cadáver  
gélido deles o quente sangue sorverá –  
se Zeus ainda é Zeus e Febo, filho de Zeus, é veraz.

Mas não me apraz citar palavras interditas.  
Deixa-me cessar onde comecei; conserva apenas 625

tua fidelidade e jamais poderás afirmar que acolheste

Édipo como improfícuo habitante daqui,  
se é que os deuses não estão me enganando.

**Coro**

Rei, antes esse homem mostrou-se cumpridor  
dessas ou de palavras como essas para esta terra. 630

**Teseu**

Quem desprezaria a bondade de um tal homem,  
Para quem o lar aliado em primeiro lugar  
é sempre comum entre nós?  
E depois, chega súplice aos deuses  
e paga tributo nada simples a mim e a esta terra. 635  
Venerando essas coisas, jamais desprezarei  
seu favor e torná-lo-ei cidadão do país.

*Teseu fala ao corifeu:*

Se apraz ao estrangeiro ficar aqui,  
ou se quer ir comigo, ordeno-te que o guarde.

*Dirige-se novamente a Édipo:*

Decidas-te, Édipo, e concedo-te servir-te do que 640  
te apraz dentre essas condições, pois consentirei nela.

**Édipo**

Ó Zeus, concedei o bem a tais homens!

**Teseu**

O que queres então? Ir a minha casa?

**Édipo**

Se me fosse lícito. Mas este é o lugar...

**Teseu**

Onde farás o quê? Pois não me oporei!

645

**Édipo**

Onde dominarei sobre os que me baniram.

**Teseu**

Mencionas um grande dom de tua presença!

**Édipo**

Se persistir em mim o que dizes e o realizares.

**Teseu**

Confia em mim! Não te trairei.

**Édipo**

Não te atarei por juramento, como se fosses vil.

650

**Teseu**

Então não terias nada mais que minha palavra.

**Édipo**

Como agirás então?

**Teseu**

Tens receio sobretudo de quê?

**Édipo**

Virão homens...

**Teseu** (*apontando para seu séquito*)

Mas eles ocupar-se-ão!

**Édipo**

Cuida para não me abandonares...

**Teseu**

Não me ensines o que fazer!

**Édipo**

É preciso que quem receia...

**Teseu**

Meu coração não receia!

655

**Édipo**

Não sabes sobre as ameaças...

**Teseu**

Mas sei que por mim

nenhum homem te levará daqui à força.

[Muitas vezes, ameaças com muitas palavras vãs  
ameaçam sob o efeito da ira. Mas, quando a mente  
torna-se senhora de si, as ameaças já eram.]<sup>15</sup>

660

Assim será para eles: se ousarem mencionar  
coisas terríveis sobre teu rapto, sei que o pélagos  
aqui revelar-se-á amplo e inavígero.

Portanto, rogo que confies, mesmo  
sem minha decisão, se foi Febo quem te enviou.

665

Contudo, sei que, mesmo ausente, meu nome  
guardar-te-á para que não sofra males.

---

<sup>15</sup> O trecho em questão corresponde a uma interpolação posterior à composição da peça.

## Primeiro Estásimo

### Coro

Vieste, estrangeiro, a este país (estrofe A)  
de corcéis esplêndidos, melhor estância  
da terra, a alva Colono, 670  
que o rouxinol harmonioso  
sobretudo freqüenta,  
gorjeando sob verdes vales,  
habitando a hera cor de vinho  
e a fronde intangível 675  
de frutos infindos do deus,<sup>16</sup>  
sem sol, sem o vento de todas as procelas.  
Aqui, o bacante Dioniso  
sempre entra, acompanhado  
de suas deusas nutrizes. 680

Florescem sob o célico orvalho,  
diariamente, o narciso,  
belos cachos – primeva coroa  
das duas deusas<sup>17</sup> –  
e o áureo açafião.  
Não languescem as infatigáveis 685  
fontes errantes das águas  
do Cefiso, mas, diariamente,  
o rio fertilizador chega  
aos campos da vasta planície da terra 690  
com sua água pura.  
Nem o coro das Musas repele este lugar,

---

<sup>16</sup> Dioniso.

<sup>17</sup> Deméter e Perséfone.

nem Afrodite, rédeas áureas.

E há algo tal que eu não ouvi dizer que haja (estrofe B)

na terra da Ásia, nem que tenha brotado

na grande ilha de Pélops, 696

uma planta indômita, que se auto renova,

terror dos gládios inimigos.

Floresce imponente neste país: 700

a oliveira de glauco folhame, nutriz das crianças.

Nem o jovem, nem o velho

a destruirá, ao devastá-la com as mãos:

sempre vigilante, o olho de Zeus, 705

tutor dos sacros olivais, a vigia,

assim como Atena, olhos glaucos.

Mas tenho outro elogio a citar, (*antístrofe B*)

desta terra mãe 710

o mais forte: o dom do majestoso deus da terra,

o grandiosíssimo orgulho

de ter bons corcéis, bons pôneis, mar navígero.

Pois tu, filho de Crono, a impuseste

sobre este orgulho, rei Posidon,

instaurando primo nestas vias 715

o freio doma-corcéis.

E a bem remante pá, que voa

junto aos coros e, vertiginosamente,

salta, seguidora

das Nereidas Hecatompodes.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Uma tradução mais literal de “*hecatompodon*” seria “de cem pés”, imagem que tem por função designar as 50 Nereidas.

## Segundo Episódio

### **Antígona**

Ó terra com muitos elogios louvada, 720  
deves revelar agora tua brilhante história!

### **Édipo**

O que há de novo, filha?

### **Antígona**

Eis que chega aqui  
Creonte, contra nós, e não sem escolta, pai.

### **Édipo**

Caríssimos anciãos, de vós  
pode se revelar a salvação final. 725

### **Coro**

Coragem! Se eu sou velho e a força  
deste país não envelheceu, ela virá!

### **Creonte**

Nobres homens, habitantes deste país,  
vejo vossos olhos tomados  
por um súbito pavor diante de minha chegada: 730  
não receeis nem solteis palavras de insulto.

Pois não venho com a intenção de perpetrar algo,  
já que sou velho e sei que venho para uma cidade  
forte, se é que há na Grécia uma poderosa.

Fui enviado, nesta idade, para persuadir 735  
este homem a seguir para o solo Cadmeu –  
enviado não por um, mas impelido por todos os cidadãos –

porque, pelo parentesco, me cabe  
 mais do que a cidade sofrer por suas penas.  
 Vamos, infortunado Édipo, escuta-me 740  
 e retorna para casa. Todo povo Cadmeu  
 chama-te com justiça e eu mais que eles.  
 [Tanto que, se não sou o mais dos homens]<sup>19</sup>  
 sofro sobretudo com teus males, ancião,  
 vendo que tu, ó desditoso, és exilado e, 745  
 sempre errante, prossegues, indigente, apoiado  
 sobre uma única servente, a qual – ai de mim –  
 nunca supus que se reduziria a tal penúria  
 a que a desgraçada está reduzida,  
 sempre cuidando de ti e de teu corpo 750  
 por mendicância, nesta idade, inexperiente  
 em casamento, à mercê do primeiro que vier.  
 Não é um opróbrio ultrajante – ai de mim –  
 que impus a ti, a mim e a toda raça?  
 Mas, como não se pode ocultar a evidência, 755  
 pelos deuses ancestrais, Édipo, obedece-me já  
 e a oculta, consentindo em ir para a cidade  
 e para casa de teus ancestrais. Diz um amável adeus  
 a esta cidade – pois é digna – mas a tua própria  
 deve ser venerada com mais justiça por ser tua antiga nutriz. 760

### **Édipo**

Ó homem capaz de tudo, que trarias  
 sob todo discurso justo uma maquinação matreira,  
 porque me tentas assim e queres atar-me novamente  
 com laços, nos quais, preso, eu sofreria mais?

---

<sup>19</sup> Houve corrupção deste verso no texto seguido por Lloyd-Jones. Por este motivo, o verso, traduzido aqui literalmente, não tem um sentido claro dentro do contexto em que está inserido.

Pois antes, quando adoecia pelos males que causei 765  
e teria havido satisfação em sair do país,  
não quiseste consentir na graça que eu queria,  
mas, quando a irritação já estava saciada,  
e era-me aprazível habitar a casa,  
então te puseste a me banir e a me expulsar 770  
e esse parentesco de modo algum te era caro.  
E de novo, agora, quando vês que esta cidade  
e o povo me acolhem benevolamente, tentas  
me arrancar, dizendo suavemente termos brutos.  
Que satisfação é essa: amar alguém contra sua vontade? 775  
Como se alguém nada concedesse a ti,  
que rogasses obter algo, nem te quisesse ajudar,  
mas, quando tivesses o coração saciado do que desejas,  
então concedesse, quando o favor não fosse favor!  
Acaso não acharias vão esse prazer? 780  
Porém, também tu me ofereces algo tal:  
nas palavras, nobreza; nas ações, males.  
Exporei também a eles para provar tua vileza!  
Vens para me levar, não para levar para casa,  
mas para me manter como vizinho, para que 785  
tua cidade escape ileso dos males desta terra.  
Isso não é para ti. Para ti há isso:  
meu espírito vingador do país sempre há de residir aqui!  
E aos meus filhos caberá obter tanto  
de minha terra: apenas morrer nela! 790  
Não conheço melhor que tu o destino de Tebas?  
Muito, à medida que ouço das mais seguras fontes,  
de Febo e do próprio Zeus que é seu pai.  
E chegas aqui com tua boca falaciosa,  
tendo a língua muito afiada. Com tua fala 795

ganharias mais males do que salvação.  
Mas vai! Pois sei que não te convenço!  
Deixa-nos viver aqui, pois não viveríamos mal,  
mesmo neste estado, se tivermos satisfação.

**Creonte**

Quem julgas ser mais malgrado neste pleito: 800  
eu, por tua conduta, ou tu, por tua própria?

**Édipo**

Mais me apraz se tu não conseguires  
persuadir nem a mim nem a estes daqui!

**Creonte**

Desgraçado, nem como o tempo mostras juízo,  
mas vives como um opróbrio para a velhice? 805

**Édipo**

Tens a língua afiada! Mas eu não conheço  
homem justo que discorra bem sobre todo tema!

**Creonte**

São coisas distintas falar muito e oportunamente.

**Édipo**

Como se dissesses pouco e de modo oportuno!

**Creonte**

Não, por certo, ao menos para quem tem uma mente como a tua! 810

**Édipo**

Parte! Declararei também por eles:  
não me vigies, ancorando onde devo habitar!

**Creonte**

Faço-lhes testemunhas, não a ti, que replicas  
tais palavras aos amigos: se um dia eu te capturar...

**Édipo**

Quem, à força, me capturaria deles, meus aliados?

815

**Creonte**

É certo que, sem que eu te capture, terás pesar!

**Édipo**

Com que ato manténs esta ameaça?

**Creonte**

Há pouco, raptei uma de tuas duas filhas  
e a mandei embora; a outra levarei em breve.

**Édipo**

Ai de mim!

**Creonte**

Logo lamentarás isso ainda mais!

820

**Édipo**

Tens minha filha?

**Creonte** (*apontando para Antígona*)

E também esta em breve!

**Édipo**

Hospedeiros, o que fareis? Acaso me traireis  
e não banireis deste país o irreverente?

**Coro**

Sai, estrangeiro, célere! Pois não é justo  
o que agora cometes nem o que antes praticaste.

825

**Creonte** (*aos guardas*)

A vós é chegada a hora de levá-la  
a contragosto, se ela não quiser partir.

**Antígona**

Infeliz de mim! Para onde fugir?  
Que ajuda divina ou mortal devo buscar?

**Coro**

O que fazes, estrangeiro?

**Creonte**

Não tocarei neste homem, mas nela, que me pertence!<sup>20</sup>

830

**Édipo**

Ó reis desta terra!

**Coro**

Não é justo o que fazes, estrangeiro!

**Creonte**

É justo!

**Coro**

Como justo?

**Creonte**

---

<sup>20</sup> Desde que Édipo foi expulso de Tebas, Creonte tornou-se o responsável por suas filhas.

Levo os que são meus!

**Édipo**

Ó cidade!

*(Estrofe)*

**Coro**

O que fazes, estrangeiro? Não a soltarás? Sentirás a força de minha mão! 835

**Creonte**

Lutarás conta minha cidade, se me causares alguma pena!

**Édipo**

Eu não disse?

**Coro**

Rápido, tira as mãos  
da menina!

**Creonte**

Não ordenes sobre o que não tens poder!

**Coro**

Ordeno que a soltes!

**Creonte**

E eu que sigas teu rumo!

840

**Coro**

Acorrei aqui, correi, correi, concidadãos!  
Violência aniquila minha cidade, a minha!  
Acorrei-me aqui!

**Antígona**

Desditosa! Estão me arrastando, ó estrangeiros!

**Édipo**

Onde posso te encontrar, filha?

**Antígona**

Levam-me à força!

845

**Édipo**

Estende as mãos, menina!

**Antígona**

Mas não consigo!

**Creonte** (*aos seus guardas*)

Vós não a levareis?

**Édipo**

Infeliz de mim! Infeliz!

**Creonte**

Apoiado sobre estes dois esteios<sup>21</sup> não mais caminharás.

Mas, já que queres vencer tua pátria

e teus amigos, pelos quais fui enviado

para proceder assim, mesmo sendo rei, vence!

850

Pois com o tempo, eu sei, perceberás isso:

que nem agora fazes o bem a ti próprio,

nem outrora o praticaste, a despeito dos amigos

e cedendo à fúria, que eternamente te macula.

855

**Coro**

Detém-te aí, estrangeiro!

**Creonte**

---

<sup>21</sup> Creonte se refere a Antígona e Ismene, que são os “apoios” de Édipo.

Aviso: não me toques!

**Coro**

Não te deixarei ir enquanto eu estiver sem elas!

**Creonte**

Então logo imporás à cidade um resgate maior,  
pois não me contentarei só com estas duas!

**Coro**

Mas a quê recorrerás?

**Creonte**

Vou prendê-lo e levá-lo!

860

**Coro**

Dizes coisas terríveis!

**Creonte**

E isso será perpetrado agora,  
se o soberano desta terra não me impedir.

**Édipo**

Ó voz impudente! Acaso tu me tocarás?

**Creonte**

Ordeno que te cales!

**Édipo**

Que estas divindades  
não me façam mudo desta imprecção,  
ó perverso, que arrancaste à força  
o débil olho,<sup>22</sup> além dos olhos de outrora, e partes.

865

---

<sup>22</sup> Édipo se refere a Antígona, que enxerga por ele.

Que Hélios, vidente de todas as coisas,  
dentre os deuses, conceda a ti próprio e a tua raça  
velhice tal qual me concedeu um dia!

870

**Creonte**

Vedes isso, povo desta terra?

**Édipo**

Vêm a mim e a ti e compreendem  
que te retribuo palavras, tendo sofrido ações!

**Creonte**

Não contarei a fúria e levá-lo-ei à força,  
mesmo estando só e sendo lento, devido à idade.

875

**Édipo**

Ai de mim!

*(Antístrofe)*

**Coro**

Com que audácia chegaste, estrangeiro, se julgas fazer isso!

**Creonte**

Julgo!

**Coro**

Então não mais conceberei esta como uma cidade!

**Creonte**

Na causa justa, até o fraco vence o forte.

880

**Édipo**

Escutais o que ele está dizendo?

**Coro**

Mas ele não fará isso!

<Que Zeus esteja comigo!><sup>23</sup>

**Coro**

Isso não é um ultraje?

**Creonte**

Ultraje? Mas é preciso suportar!

**Coro**

Todo o povo! Chefes desta terra!

Vinde céleres, vinde, pois eles

885

já estão passando para o outro lado!

**Teseu**

Que grito foi esse? O que se passa? Por temor de quê  
me fizestes cessar a imolação ao deus equóreo,  
tutelar de Colono? Dizei-me – para que eu tudo saiba –  
porque avancei para cá mais rápido do que ao pé apraz.

890

**Édipo**

Caríssimo, reconheci tua voz!

Há pouco, este homem me fez sofrer ações terríveis!

**Teseu**

Que tipo de ações? Quem te causou penas? Diz!

---

<sup>23</sup> Nesse ponto da peça, há uma lacuna. Alguns autores tentaram preenchê-la de acordo com a métrica necessária e respeitando o contexto da Segunda metade do verso, constituída pela fala de Creonte. Campbell propõe “ΖΕΥΣ ΜΟΙ ΞΥΝΙΣΤΩΡ” como correção do verso e, a partir dessa hipótese, Jebb propõe “ΖΕΥΣ ΜΟΙ ΞΥΝΙΣΤΩ”, texto adotado nesta tradução.

**Édipo**

Creonte aqui, que tu viste, parte  
após me arrancar as filhas – as duas únicas! 895

**Teseu**

O que falas?

**Édipo**

Ouviste que tipo de ações cheguei a sofrer!

**Teseu**

Será que ninguém de meu séquito célere irá  
aos altares para incitar todo o povo,  
com ou sem corcéis, a deixar o sacrifício  
e apressar-se a rédeas soltas exatamente 900

para onde confluem as bifurcadas vias dos viajantes,  
para que as moças não passem e eu, submetido à força,  
não seja objeto de riso para este estrangeiro?  
Segue célere, como ordenei! Quanto a este,  
se eu sentisse uma fúria da qual ele é digno, 905  
não escaparia ileso de minhas mãos.

Mas o fato é que será tratado com as leis  
trazidas por ele próprio ao chegar, não com outras.  
Pois jamais abandonarás este país,  
antes de trazê-las aqui, diante de meus olhos, 910

já que cometeste feitos nem dignos de mim,  
nem de teus pais, nem de tua terra.  
Tu, que chegaste a uma cidade justa,  
que nada decreta sem lei, deixas de lado  
o poder desta terra, levas o que desejas 915  
e te aproprias à força, precipitando-se assim.

Julgaste que minha cidade é desprovida de homens

ou povoada por servos e que eu sou símile ao nada!  
Tebas, porém, não te educou para o mal –  
pois não costuma criar homens injustos – 920  
nem te louvaria se soubesse que saqueias  
meus bens e os dos deuses, conduzindo  
à força os súplices, míseras criaturas.  
Eu, se tivesse adentrado teu país,  
mesmo com as mais justas razões de todas, 925  
sem a permissão do soberano do país –  
quem quer que fosse – não arrastaria, nem conduziria ninguém,  
mas saberia como entre os cidadãos deve se portar o estrangeiro.  
Tu próprio envergonhas tua própria cidade,  
indigna disso, e o passar do tempo 930  
torna-te senil e, ao mesmo tempo, sem juízo!  
Expressei antes e agora o repito:  
que célere alguém conduza as meninas para cá,  
se não queres ser meteco desta terra  
à força e não de bom grado! Pela língua 935  
digo exatamente o que está em meu juízo!

### **Coro**

Vês aonde chegas, estrangeiro? Pareces justo pela origem,  
mas, quando ages, faze-nos descobrir vilezas.

### **Creonte**

Eu não digo que esta cidade é desprovida de homens,  
filho de Egeu, nem perpetrei esse ato irrefletidamente, 940  
como tu o declaras, mas por pensar que, da parte deles,  
nenhum zelo seria dispensado por meus parentes,  
de modo que os abrigassem a meu despeito.  
Sabia que não acolheriam um homem

parricida e impuro, para quem os laços 945  
nupciais se revelaram os mais sacrílegos.  
Eu sei que para eles há um tal Areópago,  
sábio conselho deste país, que não permite  
a errantes como esses habitar a cidade.  
Confiado nisso, pus as mãos sobre esta presa. 950  
E eu não teria perpetrado isso, se ele não tivesse dirigido  
a mim próprio e a minha raça amargas imprecações,  
diante das quais, julguei digno retribuí-las, após tê-las sofrido.  
[Pois para a ira não há velhice, apenas morte.  
Aos que morrem nenhuma dor tange.]<sup>24</sup> 955  
Por isso, procedas como desejares,  
pois o isolamento torna-me fraco, ainda que eu profira  
a justiça. Mas, tentarei retribuir o que perpetrarás,  
mesmo estando com esta idade!

### **Édipo**

Ó audácia despudorada! Quem julgas ultrajar 960  
com isso: a mim, um ancião, ou a ti próprio?  
Contra mim, expeliste de tua boca  
ocídio, incesto e desgraça, coisas que eu, infeliz,  
involuntariamente suportei. Assim aos deuses aprouve,  
talvez enfurecidos com nossa raça no passado. 965  
Pois, em mim mesmo, não poderias encontrar  
qualquer censura de um erro, em punição do qual  
eu cometesse tais coisas contra mim e contra os meus.  
Mas, explica-me: se chegou a meu pai, pelos oráculos,  
uma predição divina de que seria morto pelo filho, 970  
como poderias me censurar com justiça,

---

<sup>24</sup> Os versos 954 –955 provavelmente não pertencem a este ponto da peça, devendo ser considerados uma interpolação. Os trechos não fazem sentido nesta fala de Creonte e, por esse motivo, são suprimidos por Blaydes e por Nauck.

eu, que nem de meu pai, nem de minha mãe  
tinha os germes da vida e não era então nascido?  
E se, por meu turno, vindo à luz desditoso, como vim,  
pelejei contra meu pai e o aniquilei, 975  
inconsciente do que fazia e a quem fazia,  
como poderias, com razão, criticar um involuntário?  
Não te envergonhas, infausto, de me obrigar  
a citar de minha mãe, que era tua irmã,  
o himeneu que em breve mencionarei! 980  
Pois, já que adentraste esta discussão impura, não calarei!  
Gerou! Pois ela me gerou! Ai de mim! Ó males!  
Estando eu inconsciente e ela inconsciente e, como minha mãe,  
deu-me filhos para seu próprio opróbrio!  
Mas uma coisa eu sei: voluntariamente tu difamas 985  
a mim e a ela com isso! Mas eu a desposei involuntariamente  
e involuntariamente discorro sobre esse assunto.  
Mas discorrerei, pois não terei má fama neste himeneu  
nem no ocídio de meu pai, que eternamente  
lanças contra mim, censurando amargamente! 990  
Responde-me apenas uma das questões que te proporei:  
se agora mesmo alguém viesse aqui  
para te matar – tu sendo justo – te informarias  
se o assassino é teu pai ou o punirias de imediato?  
Penso que, se amas a vida, punirias 995  
o culpado sem observar se isso é justo.  
Assim também eu adentrei tais males,  
tendo os deuses por guias. De modo que, se a alma  
de meu pai vivesse, julgo que ele não me contradiria.  
Mas tu, já que não és justo e costumavas discorrer bem 1000  
a respeito de tudo – o dizível e o indizível termo –,  
me censuras diante destes por tais feitos!

E a ti convém adular Teseu cara a cara  
e Atenas, dizendo como é bem governada!  
Porém, ao elogiares muito, olvidas, assim, 1005  
que, se alguma terra sabe venerar os deuses  
com honras, nisto a supera esta, da qual tu,  
desejando raptar-me, um senil súplice,  
me tocas com as mãos e partes, levando as moças.  
Por isso, agora, evoco essas deusas, 1010  
suplico e me lanço sobre elas com rogos,  
para que venham em socorro dos aliados, para que saibas  
por que tipo de homem esta cidade é protegida!

### **Coro**

O estrangeiro é profícuo, ó rei! Suas desgraças  
nefandas são dignas de nosso auxílio! 1015

### **Teseu**

Basta de palavras! Pois os raptores se apressam,  
mas nós, as vítimas, ficamos parados!

### **Creonte**

O que desejas, então, que eu, um homem imbele, faça?

### **Teseu**

Indica a via que leva para lá e me terás como escolta 1019  
para isso, não outro! Como sei, tu sozinho 1028  
e despreparado não chegaste a tal  
descomedimento de ousadia agora exposto, 1030  
mas confiaste em algo enquanto fazias essas coisas,  
o que devo examinar para não tornar esta  
cidade mais fraca do que um só homem.

Vai, para que, se tens nossas meninas 1020  
nesses lugares, tu próprio me mostres.  
Se os que as dominam fugirem, não soframos:  
outros apressar-se-ão e eles, fugindo  
deste país, jamais darão graças aos deuses!  
Vai na frente! Sabe que, detentor, foste detido 1025  
e o destino te fez presa quando eras caçador.  
Os bens obtidos por dolo e não por justiça não se conservam! 1027  
Comprendes alguma dessas coisas 1034  
ou agora elas te parecem estar ditas em vão?<sup>25</sup> 1035

### **Creonte**

Ao meu ver, como tu estás aqui, nada do que dirás  
será reprovável, mas, em casa, saberei o que fazer!

### **Teseu**

Ameaça agora, mas parte! E tu, Édipo,  
tranqüiliza-te em relação a ele e confia que,  
se eu não perecer antes, não cessarei 1040  
até te tornar senhor de tuas filhas.

### **Édipo**

Que sejas recompensado, Teseu, por tua nobreza  
e por tua justa consideração para conosco.

## **Segundo Estásimo**

### **Coro**

Esteja eu onde em breve *(estrofe A)*

---

<sup>25</sup> Lloyd-Jones opta pela inversão da ordem de alguns versos neste trecho da peça, pois, para ele, o sentido fica pouco claro, se os versos forem mantidos na ordem original.

retrocedem os inimigos 1045

e ao brônzeo clangor da guerra

se unirão nas pítias margens<sup>26</sup>

ou naquelas que por tochas se aclaram,<sup>27</sup>

onde nutrem as soberanas<sup>28</sup> o augusto rito 1050

aos mortais, em cujos lábios

é imposto o áureo selo<sup>29</sup>

dos servidores Eumópidas.<sup>30</sup>

Lá, o belígero Teseu,

julgo, também se unirá 1055

às duas viajante, virgens irmãs,

em um eficaz grito de guerra,

naqueles lugares.

Por certo irão para o Oeste

*Antístrofe A*

de rocha nevada,

1060

vindas dos campos de Ea,

fugindo sobre corcéis

ou em céleres carros de corrida.

Será derrotado! Terrível é dos vizinhos a guerra, 1065

terrível é dos teseidas o vigor!

Todo o freio cintila,

~com rédeas ajustadas aos corcéis~<sup>31</sup>

avança toda a cavalaria,

cujos homens a hípica 1070

Atenas honram

e o deus equóreo<sup>32</sup> que cinge a terra,

---

<sup>26</sup> O local aqui mencionado, segundo Kamerbeek, refere-se à costa da baía de Elêuses, onde havia um templo dedicado a Apolo, ou ao estreito de Enea, também caracterizado pela construção de um santuário ao deus.

<sup>27</sup> O ritual celebrado em Elêuses ocorria sob a luz de tochas.

<sup>28</sup> As deusas aqui mencionadas são Deméter e Core, em honra das quais eram realizados os rituais em Elêusis.

<sup>29</sup> Os iniciados em tais ritos deveriam guardar silêncio sobre tudo o que era realizado durante as celebrações.

<sup>30</sup> Os Eumópidas eram os sacerdotes responsáveis pela celebração dos ritos em honra a Deméter.

rebenito caro de Rhea.

Agem ou estão quase? *(Estrofe B)*  
Adverte-me um pensar 1075  
de que em breve recuará  
a dor das que terrores suportaram  
e terrores por obra de parentes descobriram.  
Fará! Hoje Zeus fará algo!  
Pressagio nobres combates! 1080  
Ah, se eu fosse um pombo impetuoso e veloz  
como a procela, achasse uma etérea nuvem  
e acima dos combates meus olhos elevasse! 1084

Onipotente dentre os deuses *(antístrofe B)*  
Zeus onividente, consente  
aos guardiões desta terra,  
por meio de poder triunfante,  
cumprir com êxito a emboscada.  
Também o consinta tua augusta filha, Palas Atena! 1090  
Desejo que o caçador Apolo  
e sua irmã, que acoisa a corsa  
de ágeis pés e salpicada pele, venham  
como duplo socorro a esta terra e aos cidadãos. 1095

### **Terceiro Episódio**

Estrangeiro, não dirás que este observador  
é um falso profeta, pois avisto as moças  
sendo novamente escoltadas para cá.

---

<sup>31</sup> O trecho entre cruzeiros sofreu corrupção no original.

<sup>32</sup> Posidon.

**Édipo**

Onde, onde? O que falas? O que disseste?

**Antígona**

Ó pai, pai,

que deus poderia consentir que visses este homem  
excelente que te nos trouxe de volta para cá?

1100

**Édipo**

Ó filha, vós duas estais aqui?

**Antígona**

É que estas mãos de Teseu

e de seus caríssimos servidores nos salvaram!

**Édipo**

Vinde ao pai, ó filha, e consenti que eu enlace  
teu corpo que eu não mais esperava encontrar.

1105

**Antígona**

Terás o que pede, pois o favor é conforme o desejo!

**Édipo**

Onde estais vós duas?

**Antígona**

Aproximamo-nos unidas!

**Édipo**

Ó prole caríssima!

**Antígona**

Ao genitor toda prole é cara!

**Édipo**

Ó esteios de um homem...

**Antígona**

Desgraçados esteios de um desgraçado!

**Édipo**

Tenho os mais caros esteios e, quando eu morrer, 1110  
não posso ser de todo mísero, se vós duas estiverdes comigo.

Filha, sustentai meus dois flancos,  
apoiar vosso pai e ponde fim  
à solidão de antes deste errante desditoso!

E narra-me do modo mais breve o que ocorreu, 1115  
pois às jovens convém um discurso curto.

**Antígona**

Eis meu salvador! Deves ouvir dele, pai,  
autor do feito. Assim, meu discurso será breve.

**Édipo**

Estrangeiro, não te espantes se insistentemente prolongo 1120  
o discurso com minhas filhas, que inesperadas surgiram.

Sei que essa alegria em relação a elas  
foi-me revelada por ti e ninguém mais,  
pois tu as salvaste e não outro mortal.

Que os deuses te concedam o que eu desejo,  
a ti e também a esta terra, já que somente 1125  
de vossa parte dentre os homens encontrei  
piedade, moderação e não mentira.

Ciente disso, retribuo-te estas palavras,  
pois tenho o que tenho graças a ti e não a outro mortal.

Estende-me a destra, ó rei, para que eu 1130  
a toque e, se for lícito, beije tua face.

Mas o que digo? Como eu, que me tornei mísero,  
poderia desejar que toques um homem  
no qual toda mácula dos males se impregna?  
Não, eu não te permitirei! Pois só com os mortais 1135  
que já as conhecem posso partilhar essas dores!  
Recebe daí mesmo minha saudação e, no futuro,  
preocupa-te comigo com justiça, como neste dia.

### **Teseu**

Não me espantei se prolongaste mais teu discurso  
por alegrar-se com tuas filhas 1140  
nem se às minhas preferistes as palavras delas.  
Nada disso tem importância para nós,  
pois nos ocupamos em tornar a vida ilustre  
mais com feitos do que com discursos.  
E provo: daquilo que jurei não te enganei 1145  
em nada, ancião, pois aqui estou  
e trago-as a salvo, intangidas pelas ameaças.  
E porque devo me vangloriar em vão sobre a vitória da contenda,  
se tu próprio o saberá delas duas, quando estiveres com elas?  
Mas dá teu conselho sobre um assunto 1150  
que há pouco chegou a mim quando eu vinha para cá,  
pois ele é breve no narrar, mas é digno de espanto.  
Um homem não deve menosprezar um fato!

### **Édipo**

O que é, filho de Egeu? Declara-me,  
Pois eu mesmo nada sei sobre o que indagas. 1155

### **Teseu**

Afirmam que um homem, que não é teu concidadão,

mas teu parente, por alguma razão  
prostrou-se como súplice no altar de Posidon,  
ante o qual eu estava sacrificando quando vim.

**Édipo**

De que país ele é? O que quer com o estado de súplice? 1160

**Teseu**

Sei apenas uma coisa: segundo dizem,  
pede um breve e não muito grave diálogo contigo.

**Édipo**

Sobre o quê? Pois este estado não é para poucas palavras!

**Teseu**

Afirmam que só pede para conversar contigo  
e para tornar a salvo à rota que aqui o trouxe. 1165

**Édipo**

Quem seria o homem que se assentou nesta súplica?

**Teseu**

Examina se em Argos há algum parente  
vosso que desejaria obter isso de ti.

**Édipo**

Ó caríssimo, pára onde estás!

**Teseu**

O que há contigo?

**Édipo**

Não exijas de mim...

**Teseu**

Que tipo de coisa? Diz!

1170

**Édipo**

Ouvindo isso, sei quem é o homem que se prostrou.

**Teseu**

Quem é então que eu devo censurar em algo?

**Édipo**

É o meu filho odioso, rei, cujas palavras com mais dor eu suportaria ouvir do que as dos outros homens.

**Teseu**

O quê? Não podes ouvi-lo sem fazer o que não queres?  
Que desgosto há para ti em escutá-lo?

1175

**Édipo**

Como essa voz chega hostilíssima a seu pai, ó rei!  
Não me lances à obrigação de ceder nisso.

**Teseu**

Mas analisa se o estado de súplice te obriga  
e se o respeito pelo deus não deve ser conservado por ti.

1180

**Antígona**

Pai, obedece-me, embora eu seja jovem para aconselhar.  
Permite que este homem agrade o próprio espírito  
e o deus com o que almeja e consente  
a nós duas que se aproxime nosso irmão.

Confia, pois o que for dito contra teu interesse, 1185  
não te desviará de teu propósito.

Que dano há em ouvir suas palavras?

Ações descobertas como más são reveladas pela palavra.

Tu o geraste, de modo que, nem se ele cometer  
contra ti os mais ímpios dentre os piores males, pai, 1190  
te é lícito retribuir-lhe males.

Contrista-te por ele! Para outros também há  
prole ruim e fúria penetrante, mas, advertidos,  
são encantados em seu comportamento pelo encanto dos amigos.

Analisa aqueles pesares paternos e 1195  
maternos que padeceste, não os de agora,  
e se os examinares bem – eu sei – reconhecerás  
como é mal o resultado de uma fúria má.

Possuis razões em nada fracas:

Foste privado de teus cegos olhos. 1200

Cede aos nossos rogos! Pois aos que buscam  
justiça não convém insistir, nem ao que o bem  
prova, prová-lo e não saber retribuí-lo.

### **Édipo**

Filha, falaste e tiveste sobre mim vitória  
de pesado prazer. Que seja então como vos é caro! 1205  
Só que, estrangeiro, se ele vier aqui,  
que ninguém jamais se apodere de meu ser.

### **Teseu**

Uma e não duas vezes desejo ouvir tais coisas,  
ancião. Não quero me vangloriar, mas sabe  
que estás a salvo se um deus me mantiver a salvo. 1210

### Terceiro Estásimo

#### **Coro**

Quem a um maior quinhão  
de vida aspira e deixa passar  
a medida, ao meu ver, será  
manifestamente estulto.

*(Estrofe)*

Posto que os longos dias  
muitas provas imputam,  
que mais ao pesar se avizinham,  
não verias onde está o prazer  
quando se vai além do que convém.

1215

O redentor a todos traz símile fim,  
quando o domínio do Hades se revela  
sem hinos, sem liras, sem dança:  
a morte como fim.

1220

Não ser nascido prevalece a todo argumento.

*(Antístrofe)*

Mas, posto que se vem à luz,  
tornar célere para lá, de onde  
se veio, é o melhor a fazer.

1225

Quando passa a juventude,  
portadora de brando desatino,  
que golpe de cruizas sem fim se exclui?

1230

Que suplício não se inclui?

Ocídios, facções, prélio, pelejas

e inveja. E, por fim, sobrevém

1235

a desprezada, incapaz, inabordável

senectude privada de amigos,

onde todos os males dos males coabitam.

Eis o infeliz! Nisto não estou só!  
Como um promontório ao norte voltado, 1240  
fustigado de todos os lados por vagas tempestuosas,  
assim também o fustigam até o topo  
terríveis dores, sempre presentes,  
que como vagas se partem,  
umas vindas do local do ocaso, 1245  
outras de onde o sol nasce,  
outras do raio meridiano  
e outras dos noctíferos Ripeus.<sup>33</sup>

### Quarto episódio

#### **Antígona**

Mas eis, como parece, nosso estrangeiro!  
Caminha para cá privado de homens, ó pai, 1250  
e verte pelos olhos copiosas lágrimas.

#### **Édipo**

Quem é ele?

#### **Antígona**

Quem já antes supúnhamos  
que fosse. Eis Polinices aqui presente!

#### **Polinices**

Ai de mim! O que fazer? Chorar antes  
meus próprios males, meninas, ou deste velho pai, 1255  
que contemplo? Eu o encontrei com vós duas,  
aqui exilado sobre terras estrangeiras,  
com tais trapos, cuja imundície abominável

---

<sup>33</sup> Montes situados no norte da Scythia.

e velha ao velho está impregnada  
e lhe consome os flancos. Na cabeça sem olhos, 1260  
a coma agita-se desgrenhada através do vento.  
Símile a isso, como parece, é o alimento  
que traz para o triste estômago.  
Maldito que sou! Tarde demais conheço isso!  
E testemunho que, quanto a teu sustento, 1265  
sou o pior dos homens! Não por outro deves saber isso!  
Mas, junto ao trono de Zeus também se assenta  
a Piedade por todos os feitos. Pai,  
que ela esteja contigo! Pois, para as faltas  
há remédio e não há mais como piorá-las. 1270  
Por que te calas?  
Profere algo, ó pai! Não me vires as costas!  
Não me respondes? Então mudo me desonras,  
me despedes e nem declaras por que te ressentes?  
Ó prole deste homem, minhas irmãs, 1275  
tentai ao menos vós mover do pai  
os intratáveis lábios que não se pronunciam,  
para que assim desonrado, súplice do deus,  
ele não me dispense sem retribuir palavras.

### **Antígona**

Diz tu próprio, ó infausto, aquilo por que vieste. 1280  
Pois muitas palavras, aprazíveis em algo,  
irritantes ou que causam piedade, provém  
de algum modo, alguma fala aos afônicos.

### **Polinices**

Então direi! Pois me advertiste bem!  
Primeiro tomo por socorro o próprio deus, 1285

de cujo altar me ergueu o governante  
desta terra para que eu viesse aqui,  
concedendo-me falar, ouvir e sair em segurança.  
Essas coisas, estrangeiros, de vós, destas duas irmãs  
e de meu pai almejo obter em meu favor. 1290

Agora quero falar por que vim, pai:  
da terra pátria ao exílio fui banido  
porque, soberano, reivindiquei ocupar  
teu trono, sendo eu nascido primogênito.  
Diante disso, Eteocles, embora mais jovem, 1295  
expulsou-me da terra, sem me superar em razão,  
sem ir à prova de força e de feitos,  
mas por persuadir a cidade. Eu afirmo  
que a tua Erínia é a causa principal disso.  
[E depois também de augures escuto assim.]<sup>34</sup> 1300

Quando fui para a dórica Argos,  
tomei por sogro Adrasto e, por juramento,  
aliaram-se a mim os homens da terra de Ápis,  
primeiros em renome e honrados em combate,  
para, após reunir com eles uma armada 1305  
de sete chefes contra Tebas, ou morrer por justa causa,  
ou desterrar os que perpetraram esses atos.  
Pois bem! por que então agora chego?  
Porto eu próprio, pai, súplices rogos  
de mim mesmo e de meus aliados, 1310  
que agora com sete tropas e com sete gládios  
toda a planície de Tebas cercam.  
São eles: Anfiarau, célere lança, primeiro  
no combate, primeiro na via dos auspícios.  
Em segundo, o filho de Eneu, o etólio Tideu. 1315

---

<sup>34</sup> Para Lloyd-Jones, Campbell e Reeve, esse verso é uma interpolação posterior à composição da peça.

Em terceiro, Etéoclo, de origem argiva.  
Em quarto, Hipómedon. Enviou-o o pai Talau.  
O quinto, Campaneu, gaba-se de que célere  
deporá em ruínas a cidade de Tebas.

Em sexto avança o árcade Partenopeu, 1320  
cujo nome vem da mãe, virgem de outrora,  
gerado após longo tempo, filho fiel de Atalante.  
E eu, teu filho, se não teu, de teu funesto  
destino nascido, teu filho chamado,  
conduzo o destemido exército de Argos para Tebas. 1325  
Por estas tuas duas filhas e por tua vida, pai,  
imploramos todos juntos e pedimos  
que cedas na árdua ira contra mim,  
que, por vingança, me atiro contra meu irmão,  
que me despojou e me baniu da pátria. 1330  
Pois, se o que vem dos oráculos é confiável,  
Eles alegam que há vitória para aquele a que te unires.  
Pelas fontes e pelos deuses de nossa raça,  
peço que confies e cedas, pois tanto nós somos mendicantes  
e estrangeiros como tu também és estrangeiro. 1335  
Vivemos cortejando os outros,  
tu e eu, a mesma sorte partilhando.  
E o rei, em casa – infausto que sou! –  
se envaidece e se ri de nós em comum!  
Se tu protegeres o meu propósito, 1340  
com brando esforço e fadiga o destruirei,  
de modo que te levarei e te instalarei em tua casa  
e me instalarei, após expulsá-lo com violência,  
se tu desejares isso comigo, posso me vangloriar,  
mas, sem tu, não consigo manter a vida. 1345

## **Coro**

Por aquele que o enviou, Édipo, pronuncia  
coisas úteis antes de enviar de volta o homem!

## **Édipo**

Guardiões deste país, se, por acaso,  
Teseu não mo tivesse aqui enviado,  
por achar justo que ele ouça minhas palavras, 1350  
jamais ele perceberia a minha voz!

Na realidade, partirá satisfeito após ouvir de mim  
fatos que jamais lhe agradarão a vida!

Ó maldito, que, quando possuías o cetro e o trono,  
que agora teu irmão possui em Tebas, 1355

baniste tu próprio teu próprio pai e lhe impuseste  
condição de apátrida e de portador destes trapos,  
cuja contemplação te causa pranto, quando te encontras  
na mesma aflição de males que a minha!

Não há por que chorar, mas devo suportar isso 1360  
enquanto eu viver, lembrando-me de ti como meu carrasco.

Pois tu me impuseste uma vida de penúria,  
tu me expulsaste e, por tua causa, vago e  
suplico aos outros o sustento diário.

E se eu não tivesse gerado estas filhas para me nutrirem, 1365  
por certo, no que concerne a ti, eu não existiria.

Mas o fato é que elas me protegem, elas são minhas nutrizes,  
elas são homens, não mulheres, no sofrer.

Mas vós fostes gerados por outro e não por mim!

Portanto, o deus te contempla não tanto agora 1370  
como em breve, se, de fato, estas tropas  
se movem contra Tebas. Não há como abater  
aquela cidade, mas, antes, maculado pelo sangue,

tombarás, assim como teu irmão.

Tais imprecações outrora eu lancei contra vós 1375  
e agora as invoco como aliadas para virem a mim,  
para que julgueis digno venerar os genitores  
e para que não me desonreis, se por um cego pai  
fostes gerados. Pois estas meninas não faziam isso!  
As imprecações superam, portanto, tua súplica 1380  
e teu trono se, de fato, a antiga Justiça  
se assenta junto das primevas leis de Zeus.  
E tu parte desprezado por mim e privado de teu pai,  
ó pior dentre os malditos, e ajunta estas imprecações  
que invoco contra ti: que nem domines com o gládio 1385  
tua terra natal, nem regreses um dia  
para a côncava Argos, mas que pela mão de um parente  
pereças e mates aquele por quem foste banido.  
Impreco coisas tais e invoco do Tártaro  
a odiosa sombra paterna para que te leve, 1390  
invoco estas deusas, invoco Ates,  
que entre vós arrojou terrível fúria!  
Parte, após ouvir essas coisas, e, quando fores,  
anuncia a todos os Cadmeus e também  
aos teus fiéis aliados que Édipo 1395  
partilha tal dádiva entre seus filhos.

### **Coro**

Polinices, não te felicito por teus trajetos passados.  
Agora, célere, segue de volta!

### **Polinices**

Ai de mim! Viagem fracassada!  
Ai de mim! Meus sócios! Então nos lançamos de Argos – 1400

infausto que sou! – para tal desfecho do trajeto,  
tal que não devo declarar a nenhum  
dos meus sócios, nem fazê-los de novo recuar,  
mas, tácito, devo encontrar meu destino.

Ó filhas deles! Irmãs! Já que vós ouvistes 1405

estas brutalidades que meu pai imprecou,  
pelos deuses, não exponhais à desonra,  
se as imprecações de meu pai se cumprirem  
e para vós algum regresso para casa houver.

Concedei-me sepulcro e honras fúnebres. 1410

E o louvor que recebeis pelo trabalho  
prestado a este homem, não será inferior ao outro,  
vindo do auxílio a mim prestado.

### **Antígona**

Polinices, rogo que me obedeças em uma coisa!

### **Polinices**

Que coisa, ó caríssima Antígona? Diz! 1415

### **Antígona**

Célere conduz de volta a armada para Argos  
e não aniquiles a ti próprio e a cidade.

### **Polinices**

Impossível! Pois como, por ter temido uma vez,  
eu poderia de novo reconduzir a mesma armada?

### **Antígona**

Por que, ó menino, deves te irritar outra vez? 1420

Que ganho tens ao devastares a pátria?

**Polinices**

Opróbrio é fugir – sendo eu o primogênito –  
e ser, assim, objeto de riso para meu irmão.

**Antígona**

Vês como para exato termo levais os oráculos dele,  
que vossa mútua morte proclamam? 1425

**Polinices**

É que ele deseja isso! Não devemos ceder!

**Antígona**

Ai de mim, infeliz! Mas quem ousará te seguir,  
quando ouvir aquilo que previu este homem?

**Polinices**

Não anunciarei adversidades, pois ao bom general  
cabe dizer coisas úteis e não insuficientes. 1430

**Antígona**

Então, menino, para ti isto está decidido assim?

**Polinices**

E não me detenhas! Este caminho  
desditoso e funesto dirá respeito a mim  
por causa de meu pai e de sua Erínia.  
Que Zeus vos conceda o bem, se me cumprirdes essas coisas 1435  
[quando eu morrer, pois comigo vivo de novo não estareis.]<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Lloyd-Jones suprime esse verso por acreditar que se trata de uma interpolação posterior à composição da peça. O termo “*táde*” constante no verso 1435 refere-se às honras fúnebres anteriormente mencionadas; assim, seria redundante afirmar que tal favor deve ser concedido somente após a morte de Polinices.

Deixai-me agora! Adeus, pois jamais me vereis vivo de novo!

**Antígona**

Ai, infeliz de mim!

**Polinices**

Não te lamentes por mim!

**Antígona**

E quem não choraria por ti,  
que te lanças no já evidente Hades, irmão?

1440

**Polinices**

Se for preciso, morrerei!

**Antígona**

Não! Mas deixa-te persuadir por mim!

**Polinices**

Não me persuadas do que não é necessário!

**Antígona**

Então serei muito infeliz,  
se eu for privada de ti!

**Polinices**

Isso caberá à divindade:  
ser de um modo ou de outro. Por vós, aos deuses  
eu imploro que nunca encontreis males,  
pois, aos olhos de todos, sois indignas de sofrer.

1445

### Quinto Episódio

**Coro**

Estes novos fatos de novas fontes vêm a mim,  
novos e pesarosos males vindos do cego estrangeiro,

*(Estrofe A)*

se não é o destino que atinge seu alvo. 1450

Pois das divindades nenhum  
decreto posso afirmar se vão!

Cronos contempla, contempla tudo  
eternamente, derrubando uns e,  
no outro dia, alçando-os de volta ao topo. 1455

O éter tonitroava, ó Zeus!

### **Édipo**

Filhas, filhas, se há alguém aqui, como  
ele poderia trazer para cá o excelentíssimo Teseu?

### **Antígona**

Pai, qual é a intenção pela qual o chamas?

### **Édipo**

Este trovão alado de Zeus em breve me 1460  
conduzirá ao Hades! Célere enviai alguém!

### **Coro**

Olhai profundamente! Abate-se este grande (Antístrofe A)  
e indizível troar por Zeus lançado!

Forte pavor insinua-se até a ponta dos cabelos! 1465

A alma desfalece! Um relâmpago  
de novo inflama o céu.

O quê? Atirárá um raio?

Temo isto, pois nunca o lança  
em vão, nem sem uma desgraça, 1470

ó grande Éter, ó Zeus!

### **Édipo**

Ó filhas, a mim chega o fim da vida predito  
pelos deuses e não há mais retorno.

**Antígona**

Como sabes? Concluíste isto com base em quê?

**Édipo**

Bem o sei! Mas que alguém célere 1475  
vá e traga o rei deste país!

**Coro**

Ai, ai! de novo olhai profundamente! *(Estrofe B)*  
Penetrante estrondo nos envolve!  
Sê propício, deus, sê propício, se 1480  
à terra mãe algo sombrio trazes!  
Que eu te encontre justo  
e que eu não partilhe um dia da graça nefanda  
por ter olhado para o homem maldito!  
Ó Zeus, a ti me dirijo! 1485

**Édipo**

O homem está próximo? Alcançar-me-á vivo,  
filhas, e senhor de minha mente?

**Antígona**

Que confiança desejas fixar em sua mente?

**Édipo**

Em troca do que passei, desejo conceder-lhe  
bom termo da graça que, ao obter, prometi. 1490

**Coro**

Ai, ai! menino! Vem, vem!

~Se no ponto extremo~ do vale ao equóreo

deus Posidon no altar consagras

um sacrifício de bois, avança!

1495

Pois o estrangeiro a ti, à cidade

e aos aliados deseja

ofertar justa graça após ter recebido.

Apressa-te! Investe, ó rei!

**Teseu**

Dentre vós, que comum celeuma ecoa,

1500

claro de vossa parte, e nítido da parte do estrangeiro?

Não será por causa de um raio de Zeus ou de uma tormenta

de granizo que se lança? Pois do deus tempestuoso

todo esse tipo de coisa se espera!

**Édipo**

Rei, apareceste conforme meu desejo e um deus

1505

causou a boa fortuna desta tua vinda!

**Teseu**

O que há de novo, filho de Laio?

**Édipo**

É o instante fatal da minha vida! Então desejo morrer

sem falhar contigo e com a cidade no que prometi.

**Teseu**

Em que prova do destino te apóias?

1510

**Édipo**

Os deuses, seus próprios arautos, anunciam-me  
sem falhar em nenhum dos sinais pré-fixados.

**Teseu**

E dizes que isso se mostra de que modo?

**Édipo**

Contínuos trovões de Zeus e numerosos raios,  
atirados pela mão invencível. 1515

**Teseu**

Tu me convences, pois vejo que vaticinas muitos fatos  
e não falsos augúrios. Diz o que devo fazer!

**Édipo**

Eu ensinarei, filho de Egeu, o que para ti  
e para esta cidade permanecerá sem a dor da velhice.

Eu próprio, intocado por um guia, 1520  
guiar-te-ei em breve ao local onde devo morrer.

Jamais o declares a nenhum homem,  
nem onde se oculta, nem a região em que se situa,

para que, melhor do que muitas égides e gládios  
estrangeiros, eu, sempre próximo, seja tua defesa. 1525

O que é interdito e a palavra não muda  
tu próprio saberás quando, só, fores para lá,

pois eu não poderia dizer a nenhum destes cidadãos,  
nem as minhas filhas, embora as ame.

Guarda-o tu próprio sempre e, quando ao termo 1530  
da vida chegares, só a teu primogênito revela

e que ele indique a seu sucessor e assim seja para sempre.

Assim ocuparás esta cidade livre da ruína  
por parte dos homens semeados.<sup>36</sup> Miríades de cidades,  
mesmo se alguém as governa bem, facilmente caem em excessos. 1535

Os deuses, tempos depois, bem vêm quando alguém  
deixa passar o que é divino e se volta para a insânia.

Tu, filho de Egeu, não queiras passar por isso.  
Mas ensino coisas tais a ti que já as compreendes!

Dirijamo-nos agora ao lugar sem mais hesitar, 1540  
pois me impele o conselho do deus!

Filhas, vinde aqui, pois é minha vez de me tornar  
vosso estranho guia, como o foste a vosso pai.

Aproximai-vos e não me tocai. Deixai que eu  
próprio encontre a sacra tumba, onde 1545  
é meu destino ser sepultado nesta terra.

Por aqui, caminhai por aqui, pois por aqui me leva  
Hermes, o mensageiro, e a íntera deusa.<sup>37</sup>

Ó luz desluzida, outrora foste minha,  
agora, pela vez derradeira tocas meu corpo. 1550

Pois já parto para o termo da vida  
para me ocultar no Hades. Mas, caríssimo hospedeiro,  
que tu próprio, teu país e teus seguidores  
vos torneis venturosos e que vós, sob o sucesso,  
sempre felizes, vos recordeis de mim, morto. 1555

### Quarto Estásimo

#### Coro

Se me é lícito à deusa invisível<sup>38</sup>

*(Estrofe)*

---

<sup>36</sup> No local onde posteriormente seria fundada a cidade de Tebas, Cadmo semeou os dentes do dragão que matara. Surgiram então os Espartos, “homens semeados”, que, ao nascerem completamente armados, lutaram entre si. Apenas cinco sobreviveram e foram admitidos por Cadmo em sua cidade.

<sup>37</sup> Perséfone, esposa de Hades.

e a ti venerar com rogos,  
 rei das trevas, Aidoneu,  
 Aidoneu, rogo que 1560  
 sem dor e sem destino de pesar  
 o estrangeiro desça  
 ao plano dos mortos, que tudo oculta,  
 e à morada de Estige.<sup>39</sup>  
 Sem razão a muitas 1565  
 penas chegou e  
 um deus justo de novo pode elevá-lo!

Ó deusas infernais<sup>40</sup> e corpo invicto (Antístrofe)  
 da fera,<sup>41</sup> que diante das portas  
 por muitos hóspedes transpostas repousas 1570  
 e ladras para além do antro,  
 indômito guardião do Hades,  
 como sempre se diz!  
 A ti, prole<sup>42</sup> da Terra e do Tártaro, suplico  
 que caminhe livre  
 o estrangeiro que se lança 1575  
 ao ínfero plano dos mortos.

## Êxodo

### **Mensageiro**

Cidadãos, em pouquíssimas palavras  
 posso afirmar que Édipo está morto.

---

<sup>38</sup> Idem à nota 53.

<sup>39</sup> Personificação de um rio situado no Hades. Segundo a mitologia grega, é o rio em que Tétis submergiu Aquiles para torná-lo invulnerável.

<sup>40</sup> Erínias.

<sup>41</sup> Cérbero, criatura encarregada de guardar o Hades, impedindo que os mortos de lá saíssem e que os vivos lá entrassem. Em certa versão do mito, é dotado de três cabeças caninas e uma grande cauda de serpente.

Mas uma narração não pode relatar com brevidade 1580  
o que se passou, nem assim foram os fatos que lá se deram.

**Coro**

Morreu o desditoso?

**Mensageiro**

Sabe que  
ele deixou para sempre a vida.

**Coro**

Como? Será que foi por sorte divina e sem pena para o infeliz? 1585

**Mensageiro**

Isso já é digno de se admirar!

Pois partiu daqui – tu que estavas presente  
sabes – sem nenhum guia dentre os amigos,  
mas ele próprio guiou todos nós.

E quando chegou ao íngreme umbral, 1590  
junto aos êneos degraus em terra enraizados,  
ficou diante de uma das rotas ramificadas,  
próximo à côncava cratera, onde de Teseu  
e Piritoo permanece eterno o fiel pacto.<sup>43</sup>

Quando estava entre esta, a torícia rocha 1595  
a pereira oca e o pétreo sepulcro,  
sentou-se. Depois despiu os trapos imundos.

A seguir, chamou as duas filhas e ordenou que  
portassem lustrações e libações de água corrente.

As duas foram à visível colina 1600  
da verdejante Deméter e trouxeram os pedidos

---

<sup>42</sup> Thanatos, personificação da morte.

<sup>43</sup> Trata-se do pacto de amizade que Teseu e Piritoo selaram antes de descerem ao Hades para raptar Perséfone.

do pai após pouco tempo; lustração e vestes,  
as quais é costume, propiciaram-lhe.

Quando tinha total satisfação pelas coisas preparadas  
e não havia falta de nada do que desejava, 1605  
troou Zeus infernal e as moças  
estremeceram ao escutarem. Aos joelhos  
do pai quedadas, não aliviaram o pranto,  
os golpes no peito e os longos lamentos.

E ele, como ouve as vozes agudas, súbito, 1610  
enlaçou-as com as mãos e disse: “Filhas,  
para vós, a partir de hoje, não há mais pai.  
Morreu tudo o que a mim concerne e não mais  
buscareis por mim o penoso sustento.

Árdua tarefa, sei, filhas, mas uma só 1615  
palavra desfaz todo esse tormento:  
pois de outro não receberéis amor maior  
do que tivestes deste homem, privadas do qual  
devereis passar agora o resto de nossas vidas.”

Abraçados uns aos outros, todos em soluços 1620  
pranteavam por tais coisas. Quando o termo  
dos lamentos se deu e já nenhum grito se erguia,  
havia silêncio e, súbito, a voz de alguém  
gritou por ele, de modo que todos, de imediato,  
ficaram com os cabelos hirtos de pavor. 1625

O deus o chama muito, de muitos modos:  
“Ei, ei, Édipo, por que tardamos  
em partir? Há muito adias isso!”

Ele, como compreendeu que era evocado pelo deus,  
chama para vir até ele o rei do país, Teseu. 1630

E quando este se aproximou, disse:  
“Ó caro, concede às filhas, por mim, o antigo penhor

de tua mão, e vós, filhas, a ele. E promete jamais  
abandoná-las voluntariamente e cumprir  
o quanto julgares bom, ajudando sempre.” 1635

E ele, como um homem nobre, não sem lamentos  
prometeu fazer isso, legado por juramento ao estrangeiro.  
Depois que fez isso, de imediato, Édipo,  
após tocar com cegas mãos suas filhas, diz:  
“Ó filhas, é preciso ~manter a nobreza, suportar~<sup>44</sup> 1640  
e sair deste lugar sem pretender ver  
e sem ouvir o que aos mortais não é lícito.  
Parti célere! Que apenas o soberano Teseu  
esteja presente para saber o que será feito!”  
Todos nós o ouvimos proferir tais coisas. 1645  
Copiosamente gememos junto com as moças  
E as seguimos. Quando nos afastamos,  
após breve tempo nos voltamos e vimos ao longe  
que o homem não mais estava presente  
e que o rei estava sozinho, ocultando os olhos 1650  
com as mãos diante da face, como perante algo terrível  
e apavorante que surge, insuportável de se contemplar.  
A seguir, pouco depois, sem palavras  
o vimos prosternando-se para a terra e juntamente  
para o divino Olimpo naquele mesmo instante. 1655  
Por que tipo de óbito ele morreu nenhum  
dos mortais poderia declarar, exceto Teseu.  
Pois um ignífero raio do deus  
o fez sumir nem a equórea procéla  
que se movia naquele instante, 1660  
mas ou um mensageiro vindo dos deuses ou o ínfero  
e obscuro pedestal benevolente da terra que se abre.

---

<sup>44</sup> O trecho entre cruces sofreu corrupção.

Pois o homem partiu sem gemidos, sem dores  
de moléstias, acima de qualquer morte,  
maravilhosamente. Se pareço ser insensato ao falar, 1665  
não gostaria de convencer aqueles a quem pareço insensato.

**Coro**

Onde estão as meninas e os amigos que as seguiram?

**Mensageiro**

Não estão longe, pois sons de soluço em nada  
indistintos indicam que avançam para cá.

**Antígona**

*(Estrofe A)*

Ai, ai! Resta-nos 1670  
nada além de chorar – desgraçadas –  
o inolvidável sangue herdado do pai,  
pelo qual outrora  
muitas penas sucessivas tivemos  
e, no fim, traremos histórias ilógicas, 1675  
a que assistimos e experimentamos.

**Coro**

O que é?

**Antígona**

Pode-se imaginar, amigos!

**Coro**

Ele se foi?

**Antígona**

Do modo que tu mais desejaras ir.  
É certo! Dele nem Ares

nem o mar se apoderou, 1680  
mas as invisíveis planícies o arrebataram  
e por sombria morte foi levado.

Ai! Noite funesta  
aos nossos olhos sobreveio!  
Pois como, sobre alguma terra 1685  
distante ou sobre equóreas  
vagas a errar, manteremos  
o árduo sustento da vida?

### **Ismene**

Não sei! Que o sanguinário  
Hades me subjugue para morrer 1690  
junto de meu velho pai –  
infeliz! – pois, para mim,  
a vida que virá não é viável.

### **Coro**

Ó duas excelentes filhas,  
suportai bem o que vem dos deuses  
e não vos inflameis em excesso. 1695  
Não chegastes a nada censurável!

### **Antígona**

Há também alguma saudade dos males, (Antístrofe A)  
pois, o que de algum modo é caro, era caro  
quando eu o enlaçava com ambas mãos.  
Ó pai! Ó amigo! 1700  
Ó tu, para sempre encoberto pelas trevas da terra!  
Nem lá deixareis de ser amado  
jamais por mim e por ela!

**Coro**

Ele alcançou...

**Antígona**

Alcançou o que queria!

**Coro**

E o que era?

**Antígona**

Morrer na terra estrangeira 1705  
em que desejava. Ocupa ínfero  
leito em eterna proteção  
e não deixou pesar sem pranto.  
Pois estes lacrimějantes olhos, pai,  
por ti choram e não sei 1710  
como posso – infeliz! –  
sufocar esta dor que sinto por ti.  
Ai de mim! Em terras  
estrangeiras desejava morrer, mas  
morreste assim, de mim privado!

**Ismene**

Ó infeliz! Que destino então 1715  
espera a mim e a ti, ó amiga,  
assim desprovidas de pai?

.....  
.....<sup>45</sup>  
.....

**Coro**

---

<sup>45</sup> Há uma lacuna de dois versos neste ponto da peça, o que pode ser percebido devido à falta de correspondência métrica com a estrofe A.

Já que o termo da vida se desenlaçou 1720  
de forma venturosa, ó amigas,  
cessai esta dor, pois aos males  
ninguém está imune!

**Antígona**

De volta nos apressemos, ó amiga!

**Ismene**

Para fazer o quê?

1725

**Antígona**

Um desejo me toma...

**Ismene**

Qual é?

**Antígona**

Contemplar a morada subterrânea.

**Ismene**

De quem?

**Antígona**

De nosso pai. Infeliz de mim!

**Ismene**

Mas como isso nos pode ser lícito?

Não vês?

**Antígona**

Em que censuras este ato?

1730

**Ismene**

É que também...

**Antígona**

O que dirás ainda?

**Ismene**

Morreu insepulto e afastado de todos.

**Antígona**

Leva-me para lá e mata-me então!

**Ismene**

.....

**Antígona**

.....<sup>46</sup>

**Ismene**

Ai, ai! Infeliz de mim!

Como sozinha e sem recursos assim

1735

levarei minha vida infausta?

**Coro**

Amigas, em nada temeis!

*(Antístrofe B)*

**Antígona**

Mas para onde fugir?

**Coro**

Vós já escapastes...

**Antígona**

De quê?

---

<sup>46</sup> Novamente, aqui há outra lacuna.

**Coro**

De que vosso destino desabe miseravelmente.

1740

**Antígona**

Penso...

**Coro**

O que cogitas?

**Antígona**

Não sei como iremos  
para casa.

**Coro**

Nem procures!

**Antígona**

A aflição me toma!

**Coro**

Também antes te tomava!

**Antígona**

Antes era difícil, mas agora é ainda mais!

1745

**Coro**

Obtiveste um grande abismo!

**Antígona**

Sim, sim!

**Coro**

Eu mesmo também concordo.

**Antígona**

Ai, ai! para onde ir,  
ó Zeus? Para qual esperança ainda  
me conduz agora a divindade?

**Teseu**

Cessai o lamento, meninas, pois nos casos em que  
a noite subterrânea é reservada como graça  
não deveis sofrer; é injusto.

**Antígona**

Ó filho de Egeu, prostramo-nos diante de ti!

**Teseu**

Para obter que favor, ó meninas?

1755

**Antígona**

Desejamos contemplar  
por nós mesmas o sepulcro de nosso pai.

**Teseu**

Mas não é lícito ir até lá!

**Antígona**

Como dizes, rei, soberano de Atenas?

**Teseu**

Ó meninas, ele me ordenou que  
nenhum mortal se aproxime  
desta região e nem invoque  
o sacro túmulo que ele ocupa.

1760

E disse que se eu fizer isso,  
O país estará sempre livre de funestos pesares. 1765  
A divindade ouviu então nossos dizeres  
e também Horco, que tudo percebe, servo de Zeus.

### **Antígona**

Se ele tinha isso em mente,  
essas coisas me bastam. Enviai-nos para  
a antiga Tebas, para que, indo, possamos 1770  
impedir, se possível, o assassínio  
de nossos irmãos.

### **Teseu**

Farei isso e, por gratidão, prontifico-me  
a fazer tudo o que convém a vós  
e a ele, que está sob a terra e que 1775  
há pouco partiu. Não devo me poupar.

### **Coro**

Cessai e não mais  
desperteis o lamento!  
Pois essas coisas estão totalmente garantidas!



# Entre o humano e o divino

Em “Oedipe a Colone”, Reinhardt<sup>47</sup> aponta que não é um fato incomum a transformação do personagem central de um drama em um herói que passa a ser cultuado após sua morte. Temos um exemplo disso não apenas na tragédia em questão, mas ainda em outras peças como *Ájax* e *As Traquínias* de Sófocles e *Os Heraclidas* de Eurípides. Nesses casos, porém a metamorfose em herói é apenas mencionada como uma conclusão da peça. *Édipo em Colono* apresenta uma diferença em relação a esse aspecto: Sófocles inova ao centrar o enredo justamente no processo de transformação do personagem.

Nota-se que, em sua composição, o autor se valeu de um tipo de drama cuja representação era comum no solo ático: a tragédia de suplicantes. A “fórmula” é geralmente a seguinte: um personagem chega a uma cidade, geralmente Atenas, prostra-se como súplice diante de um altar e roga por asilo e proteção contra os inimigos. Há, geralmente, um rei generoso que os acolhe. Após a acolhida, surge a ameaça do inimigo, o que tem como função aumentar a tensão no drama, mas a contenda é sempre vencida pelo país aliado, que garante a salvação de seu suplicante. Percebe-se, evidentemente, que um enredo que gira em torno destes parâmetros é, de um modo geral, patriótico, na medida que exalta a cidade que deu asilo ao súplice.

Autores como Bowra<sup>48</sup> e Reinhardt<sup>49</sup> admitem que Sófocles provavelmente se utilizou dessa estrutura na composição de *Édipo em Colono*, mas afirmam que o poeta inovou de maneira significativa ao revestir o tema com um forte sentido religioso, que não permeia, ao menos com tal intensidade, as demais tragédias de suplicantes.

A fim de ilustrar sua comparação, Reinhardt<sup>50</sup> estabelece uma breve comparação entre a tragédia aqui traduzida e *Os Heraclidas*. Em ambas as peças, os suplicantes são interrogados: os habitantes desejam saber de que país se originaram seus novos hóspedes e que favor almejam obter da cidade. O nome dos suplicantes só é revelado após um longo diálogo, mas, na tragédia de Eurípides, a revelação não causa espanto ou piedade como em Sófocles. Outro aspecto em comum entre as duas peças consiste no fato de que em *Os Heraclidas*, o corpo de Hércules protegerá o solo ateniense contra ataques futuros, assim

---

<sup>47</sup> REINHARDT, K. “Oedipe a Colone” In: *Sophocle*. Trad. Emmanuel Martineau. Paris: Minuit, 1994. p. 251.

<sup>48</sup> BOWRA, C. M. “Oedipus at Colonus” In: *Sophoclean Tragedy*. Oxford, Clarendon Press, 1944. p. 308.

<sup>49</sup> *Op. cit.* p. 251.

como o sepulcro oculto de Édipo também servirá de escudo para Atenas. Há que se considerar, porém, uma diferença significativa: na tragédia de Sófocles, é o próprio Édipo quem profere o vaticínio, assumindo, deste modo, um tom altamente profético e religioso. O personagem conhece suas predições ao ouvi-las do próprio Apolo, fato que ilustra uma ligação significativa entre Édipo e o plano divino.

Podemos observar, dessa forma, que, o que realmente difere Sófocles de Eurípidés com relação ao tratamento do suplicante, é justamente o tom de religiosidade que o autor de *Édipo em Colono* emprega em sua última peça. Reinhardt<sup>51</sup> aponta que o drama consiste na passagem do profano para o sagrado, já que o personagem, maculado pelo parricídio e pelo incesto, passa a ser exaltado pelos deuses, assume a posição de herói e atua como protetor de Atenas.

Passemos então a analisar esse processo de transformação, bem como a atmosfera de religiosidade que envolve o tema. Para tal, observaremos, em um primeiro momento os versos a seguir:

*Quem hoje acolherá Édipo -  
um vagamundo - com dons escassos?  
Pouco peço, menos ainda recebo  
e a mim isso basta.  
As dores, o delongado Cronos que a mim se une  
e a nobreza ensinam-me a resignação.  
Filha, se vês um assento em um espaço  
onde é lícito pisar ou em bosque sacro,  
para e acomoda-me para sabermos  
onde estamos: estrangeiros aprenderemos  
como os cidadãos e executaremos o que ouvirmos.*

(Versos 3 – 13)

---

<sup>50</sup> *Op. cit.* p. 255 – 256.

<sup>51</sup> *Op. cit.* p. 253.

No início da peça, sabemos que um longo tempo se passou desde que Édipo deixou Tebas. Sua velhice e sua vida errante, como o próprio personagem afirma, concederam-lhe o dom da paciência. Ele se submete às leis de outros países, já que, exilado e errante, obtém o sustento próprio por mãos alheias. Esta é, portanto, a primeira impressão que temos de Édipo no drama: um ancião frágil e humilde que necessita da ajuda dos outros para sobreviver. Tal imagem, porém não se sustentará por muito tempo. Ao longo do drama, o personagem abandona gradualmente o tom humilde e passa a mostrar sua verdadeira personalidade, principalmente quando sua ira é provocada. Essa mudança de comportamento já pode ser observada desde o início, pois, tendo se estabelecido em solo sagrado, Édipo se recusa a abandonar o local, ainda que isso seja, aparentemente, ilícito. É o que demonstram os versos 44 – 46:

*Édipo*

*Que, propícias, acolham o súplice:*

*eu não deixaria ainda este posto!*

*Estrangeiro*

*O que dizes?*

*Édipo*

*É o sinal do meu destino!*

Para Winnington-Ingram<sup>52</sup> esse momento da peça já evidencia a natureza sobre-humana do personagem, pois sua entrada no santuário e a autoridade com que afirma sua permanência são traços de um caráter forte e jamais ilustrariam uma figura pusilânime. Se recordarmos que, em sua primeira fala, Édipo afirma que deve agir conforme a vontade dos cidadãos locais, notamos aqui um contraste. Sua humildade já começa a ser deixada de lado e sua altivez passa a assumir um plano mais central em seu caráter.

A partir desse ponto, é interessante observar que Édipo quase não é mais questionado pelo passante. É ele quem passa a dirigir o diálogo, indagando sobre o local e

---

<sup>52</sup> WINNINGTON-INGRAM, R. P. “Oedipus at Colonus” In: *Sophocle: an Interpretation*. Cambridge University Press. p. 255.

solicitando a intervenção do rei, solicitação essa que não poderia ser feita por um mendigo qualquer que chegasse a cidade.

O personagem revela que não se trata de um suplicante comum, entretanto, essa revelação é feita aos poucos, pois, quando solicita a presença de Teseu, Édipo insinua que o rei lucrará com sua presença, mas não menciona que benefícios obterá.

A seguir, quando o estrangeiro se afasta, Édipo revela ao espectador o motivo pelo qual insistiu em permanecer em solo sagrado: cumpre, apenas, os desígnios de Apolo, que profetizou que sua morte ocorreria naquele local. É mencionada ainda outra profecia: sua morte terá o poder de beneficiar os aliados e punir os inimigos. Sua prece nos mostra que o personagem foi guiado pelos deuses até o santuário, o que demonstra uma relação mais próxima entre Édipo e o plano divino. Com relação a esse ponto da peça, Allègre<sup>53</sup> defende a idéia de que, ao se estabelecer no santuário das Eumênides, de certa forma, o personagem passa a se identificar com as deuses e, assim como ela, exprime um temor religioso que contagia tanto o estrangeiro que o indaga, como os velhos de Colono, que compõem o coro. Blundell<sup>54</sup> vai além e sugere que, assim como as Eumênides, Édipo assume um lado benevolente, que proporcionará a salvação dos aliados, e, ao mesmo tempo, um lado aterrador, responsável pela punição dos tebanos.

No primeiro canto coral, observamos que a reação dos habitantes de Colono em relação ao comportamento de Édipo é um misto de reprovação e piedade. O coro pensa que se trata de um homem ímpio, visto que o personagem ocupa o bosque sagrado:

*Agora há rumores de que  
chegam sem respeitá-las.  
Busco-o por todo o templo  
e ainda não consigo  
saber onde ele está.*

(Versos 133 – 137)

---

<sup>53</sup> ALLÈGRE, F. “Oedipe a Colone” In: *Sophocle: Étude sur les ressorts dramatiques de son theatre et la composition de ses tragédies*. Lyon, 1905. p. 272.

<sup>54</sup> BLUNDELL, M. W. “Oedipus at Colonus” In : *Helping Friends and harming enemies. A study in Sophocles and greeks ethics*. Cambridge University Press. p. 257 – 258.

Quando Édipo surge diante do coro, sua simples presença desperta a piedade de seus interlocutores. É o que evidencia a segunda entrada do canto coral. Édipo ainda é tratado como irreverente, mas o que sobressai na antístrofe é o sentimento de piedade que o cego ancião desperta com sua aparência frágil e sofrida. O coro solicita que ele deixe o local, mas salienta que isso deve ser feito em vista de seu próprio bem. Notamos portanto que a impressão inicial que o herói desperta nos habitantes de Colono é semelhante à impressão causada ao espectador no início da peça.

O encontro entre Édipo e o coro é um dos momentos grandiosos da tragédia. Desde a entrada do primeiro canto coral, esperamos que Édipo revele sua identidade; entretanto, isso só ocorrerá após 1-4 versos, o que é responsável por aumentar a intensidade dramática da peça. Quando o coro finalmente interroga o nome do personagem, Édipo ainda protela a revelação por 19 versos. Mesmo quando decide declarar quem é, não o faz de imediato, mas menciona primeiro Laio e a raça dos Labdácidas, até que os habitantes de Colono deduzem que se trata do antigo rei tebano. Essa demora concorre para aumentar a tensão do espectador da peça, que ainda não sabe qual será a reação do coro ao saber que o forasteiro é um homem maculado por seu passado.

Assim que conhecem a identidade do personagem, os habitantes de Colono decidem expulsá-lo. É então que intervém Antígona, com o objetivo de obter a piedade de seus futuros anfitriões. A súplica da moça, entretanto, não surte efeito e Édipo passa a proferir sua própria defesa. Nesse momento, o personagem é movido principalmente por seu lado mais altivo, despindo-se da antiga humildade.

Na primeira vez que se defende, Édipo profere um discurso não muito organizado, o que, segundo Allègre,<sup>55</sup> se justifica pelo fato de que sua intervenção é motivada pela irritabilidade e pela paixão. Seria natural, portanto, que o personagem se expressasse de um modo um pouco confuso. Neste discurso, Édipo se vale apenas do argumento de que fora vítima do destino e que agira inconscientemente. Notamos que sua fala assume um tom um tanto quanto emocional, como se o temor do coro o tivesse despertado de sua passividade inicial e o tivesse desafiado. Os versos a seguir ilustram esses traços da primeira defesa de Édipo:

---

<sup>55</sup> *Op. cit.* 285 – 286.

*Qual é então o ganho da fama  
e da bela glória se em vão se esvaem,  
já que dizem ser Atenas a mais reverente  
aos deuses, única capaz de salvar o estrangeiro  
oprimido, única capaz de defendê-lo?  
Onde está tudo isso para mim?  
Vós que deste degrau me afastastes  
me banis agora só por temer meu nome?  
Pois não é meu corpo, não são meus atos,  
já que meus atos, sabe, antes os sofri do que os cometi,  
se preciso narrar as ações de minha mãe  
e de meu pai, pelas quais me receais. Bem sei!  
Contudo, como posso ser por natureza vil,  
eu, que sofri e revidei, de modo que, mesmo  
se ciente agisse, nem assim seria vil!  
Mas cheguei onde cheguei inconsciente  
e aqueles por quem sofri, cientes, me arruinaram.*

(Versos 266 – 274)

O que, de fato, move o coro a favor de Édipo não é a piedade, mas a atmosfera religiosa que envolve o personagem. Se assim não fosse, o comovente discurso de Antígona a favor do pai seria suficiente para convencer os habitantes de Colono. O que ocorre é que o coro só desiste de expulsar o forasteiro, quando percebe que ele tem alguma relação com os deuses, e, por isso, trará benefícios à cidade:

*Pois chego sacro, reverente e trago ganho  
a estes cidadãos. Quando um chefe estiver aqui –  
quem quer que seja vosso líder –  
então, ouvirás tudo e saberás.  
Por enquanto, de modo algum te tornes vil.*

(Versos 287 – 291)

Para Allégre,<sup>56</sup> Édipo desperta no coro um misto de terror e piedade que acaba por se tornar um sentimento de temor religioso. Os habitantes de Colono percebem que não se trata de um homem comum. Assim, é permitido a ele permanecer no santuário até que o rei de Atenas venha e decida seu destino.

A chegada inesperada de Ismene também concorre para mostrar a transformação do personagem, uma vez que as notícias trazidas pela moça despertam sua ira. Nota-se que, à medida que o diálogo com a filha evolui, Édipo assume um tom cada vez mais enérgico, o que culmina quando o personagem vaticina a morte como destino dos próprios filhos.

Para Bowra,<sup>57</sup> a inserção de Ismene no drama tem for função ressaltar alguns traços do caráter do protagonista da peça. As notícias vindas de Tebas são fundamentais para que Édipo expresse seu descontentamento em relação aos filhos:

*Que os deuses não lhe extingam  
a fatal disputa e que para ambos  
caiba a mim a decisão desta contenda,  
que agora ambos travam, erguendo o gládio!*

(Versos 421 – 424)

O trecho em questão é útil para evidenciar o tom enérgico que assume a fala de Édipo, tom esse que contrasta com o comportamento inicial expresso no início do drama. O mísero ancião que chegou a Colono para morrer despe-se pouco a pouco de sua fragilidade e passa a exibir sua condição heróica. Além de se proclamar salvador de Atenas, Édipo passa a predizer o futuro dos filhos. Sabemos que o dom da profecia não é dado ao homem comum, o que evidencia o *status* religioso e sobre-humano que o personagem adquire à medida que a peça evolui.

Se por um lado, a ira de Édipo é intensa, por outro, o amor em relação às filhas não assume menor intensidade. O protagonista condena os filhos na mesma medida que elogia as filhas. Sófocles joga com emoções conflitantes que ilustram o caráter cada vez mais enérgico que o personagem passa a assumir. Neste ponto, é conveniente recordar que os

---

<sup>56</sup> *Op. cit.* p. 272.

<sup>57</sup> BOWRA, C. M. “Oedipus at Colonus” In: *Sophoclean Tragedy*. Oxford, Clearendon Press, 1994. p. 323.

heróis, situados entre a condição humana e a divina, também são dotados de emoções próprias dos homens, mas estas são evidenciadas com maior intensidade do que ocorre no ser humano comum. É o que parece ocorrer no caso em questão. O amor pelas filhas e o ódio pelos filhos contratam como pontos extremos de um mesmo caráter. Por isso, Ismene é fundamental para garantir a harmonia do drama. Creonte e seu séquito estão em contraste com Édipo e o coro; Tebas se opõe a Atenas e os dois filhos situam-se como figuras opostas às duas filhas de Édipo.

Ao conhecer, por intermédio de Ismene, o oráculo referente ao novo hóspede, os habitantes de Colono mudam totalmente seu comportamento em relação a Édipo. Não mais são hostis e não mais desejam expulsá-lo; ao contrário, passam a lhe ensinar os ritos que deve realizar para que possa permanecer no santuário sem cometer impiedades.

A menção do ritual ilustra de maneira expressiva a atmosfera de religiosidade que permeia a peça. Não é à toa que Sófocles descreve o rito com riqueza de detalhes. Trata-se, segundo Bowra,<sup>58</sup> de um ritual de purificação, o que permite ao espectador do século V aceitar com mais facilidade o fato de que um homem maculado pelo parricídio venha a ser favorecido pelos deuses.

A medida que a morte de Édipo se aproxima, o personagem passa a assumir um comportamento cada vez mais divino e menos humano. Entretanto, é apenas nos momentos finais que o personagem tornar-se-á auto suficiente. Se, por um lado, notamos traços sobre-humanos na composição do herói, por outro, ainda há alguns aspectos de debilidade. É o que se observa, por exemplo, quando Ismene se afasta para cumprir os rituais:

*Ide, praticai célere, mas não me deixeis só,  
pois meu corpo solitário não teria forças  
para prosseguir sem um guia.*

(Versos 500 – 503)

É interessante notar que esses versos contrastam significativamente com os momentos finais da peça, quando Édipo não mais necessita de guia e passa a guiar o rei Teseu até o

---

<sup>58</sup> *Op. cit.* pág. 318.

local onde deve morrer. Tal contraste indica um movimento crescente, que ilustra a passagem do personagem da condição humana para a heróica.

Enquanto espera a vinda de Teseu, Édipo é interpelado pelo coro, que deseja ouvir o relato sobre o parricídio e sobre o incesto. Sabemos que público do século V a.C. era conhecedor dos mitos helênicos; assim, seria um tanto ingênuo pensar que os relatos de Édipo foram inseridos para que os espectadores conhecessem os acontecimentos que antecederam o enredo da peça. Uma maneira mais coerente de se justificar a inserção desse relato consiste no fato de que devemos sempre considerar a mentalidade do homem médio da época em que as tragédias foram encenadas em compostas. Para o público, provavelmente era difícil aceitar que um homem como Édipo, tão odiado pelos deuses, fosse agora enaltecido a ponto de transformar-se em herói. Assim, podemos afirmar que as defesas do personagem são úteis para livrá-lo de qualquer mácula. De fato, os deuses não foram condescendentes com Édipo, mas agora seus feitos involuntários não mais têm importância e o personagem parece ser recompensado por seus anos de vida errante.

Além de ser responsável por despertar a piedade do espectador, as defesas de Édipo nos permitem notar uma certa evolução no caráter do personagem. Se em seu primeiro discurso sobre o parricídio, o personagem se mostra abalado, sua segunda defesa é baseada em uma argumentação mais clara e organizada, ainda que seja breve. O argumento utilizado ainda é a inconsciência dos atos, mas agora, o herói o aplica pontualmente ao parricídio e ao incesto, como demonstram os versos abaixo:

*Sofri misérias, estrangeiros, sofri a contragosto.*

*Que o deus o saiba:*

*nada disso foi voluntário...*

(Versos 521 – 523)

*A cidade, sem saber, com um mísero leito,*

*atou-me a núpcias nefandas...*

(Versos 525 – 526)

*Eu explicarei:  
perturbado pela maldição, matei e aniquilei,  
mas puro perante a lei. Sem saber cheguei a isso.*  
(Versos 546 – 547)

Com relação a essa segunda defesa, Allègre<sup>59</sup> aponta que, embora seja menos confusa que a primeira, ela ainda não assume um tom fortemente argumentativo. Vale lembrar, nesse ponto, que se trata de um trecho essencialmente lírico, em que prevalece mais o tom emocional do que o racional. Além disso, o personagem desenvolve sua defesa diante de um auditório que lhe é favorável; o coro não o acusa formalmente, mas apenas demonstra curiosidade sobre seu passado, o que faz com que não haja necessidade de uma argumentação pontual, precisa e consistente.

O diálogo é interrompido pela chegada do rei de Atenas, que passa a dialogar com o protagonista da peça. Também nesse ponto, Édipo exprime algumas características que o elevam acima do homem comum. Teseu não compreende como Tebas tornar-se-ia hostil. É o espírito de moderação que rege o rei ateniense, pois os que o faz duvidar de ataques inimigos é o bom relacionamento que costuma manter com as cidades vizinhas. Édipo discursa então sobre a mutabilidade das coisas. Cada vez mais lúcido, o herói observa que tudo está sujeito à ação do tempo e que nada, exceto o que é divino, pode permanecer inalterado.

Em seu diálogo com Teseu, Édipo também mostra seu lado divino ao fazer, em nome dos deuses, predições sobre o futuro. É o que ilustram os versos 621 – 623:

*lá, onde meu dormente e oculto cadáver  
gélido deles o quente sangue sorverá –  
se Zeus ainda é Zeus e Febo, filho de Zeus, é veraz.*

A menção de acontecimentos futuros não apenas coloca Édipo acima da condição humana, mas ainda o envolve no já mencionado ambiente de religiosidade, uma vez que, à medida que a peça se desenvolve, o personagem fica cada vez mais próximo dos deuses.

---

<sup>59</sup> *Op. cit.* pág. 289.

Bowra<sup>60</sup> aponta que a menção do sangue inimigo não só é vista como a satisfação da vingança de Édipo, mas também como uma alusão ao fato de que o personagem transformar-se-á em herói após sua morte, uma vez que o sangue era uma das oferendas empregadas nas cerimônias de culto aos heróis.

A chegada de Creonte também é útil para demonstrar a evolução do caráter do protagonista, uma vez que Édipo e Creonte são personagens opostas. A bondade de um é proporcional à maldade do outro. A fraqueza de caráter do rei tebano se mostra desde o início, pois seu discurso é iniciado com palavras amigáveis, porém falsas:

*Nobres homens, habitantes deste país,  
vejo vossos olhos tomados  
por um súbito pavor diante de minha chegada:  
não receeis nem solteis palavras de insulto.  
Pois não venho com a intenção de perpetrar algo,  
já que sou velho e sei que venho para uma cidade  
forte, se é que há na Grécia uma poderosa.*

(Versos 728 – 734)

Como se nota, Creonte se vale do artifício da *capitatio benevolentiae* para dispor o coro a seu favor: além de elogiar a cidade, se auto descreve como um ser inofensivo, estratégias que deveriam funcionar como uma condição prévia para que o coro o ouça e se deixe persuadir por suas palavras.

Ao longo de seu discurso, o personagem se mostra compungido pela dor de Édipo e menciona a pátria, assim como o parentesco que os une. Isso deveria despertar um profundo respeito por parte do espectador, se este não soubesse que se trata de um falso discurso. A argumentação de Creonte, embora seja bem estruturada, não tem força persuasiva porque Ismene já advertira a todos os possíveis ouvintes – coro e espectador – sobre as ocultas intenções de seu tio. Uma vez que se sabe que Creonte não se compadece de Édipo, mas deseja se apoderar de seu interlocutor em benefício próprio, seu discurso exerce sobre o ouvinte uma influência inversa. As palavras do personagem não persuadem o coro; antes,

---

<sup>60</sup> *Op. cit.* pág. 312.

exaltam ainda mais o caráter maléfico do inimigo, pois sabemos que as palavras amáveis proferidas por Creonte constituem apenas uma máscara assumida a fim de obter êxito em seus objetivos.

Na tentativa de reconduzir Édipo, Creonte afirma que não apenas ele, mas toda a cidade deseja seu retorno, o que é mencionado por duas vezes em seu discurso.<sup>61</sup> Essa menção tem por objetivo trazer a mente do interlocutor a presença do povo que Édipo governara outrora. Esse argumento, no entanto, não mais tem validade, uma vez que o herói rompeu seus laços com Tebas a partir do momento em que foi exilado.

Ao perceber que sua argumentação falou, Creonte deixa cair sua máscara e parte para a agressão verbal. Seu comportamento difere da apresentação que fizera durante sua chegada, na medida em que ele não mais parece inofensivo e frágil, o que, de fato, é comprovado quando Creonte captura Antígona e Ismene e deseja, por fim, apoderar-se do próprio Édipo.

Para Reinhardt,<sup>62</sup> a oposição entre Teseu e Creonte é esperada, uma vez que o drama se baseia na polarização amigo *versus* inimigo. O autor afirma que Teseu é um modelo de bom comportamento para um grego do século V a.C. O rei é piedoso em relação ao suplicante, o que pode ser observado não apenas com o acolhimento de Édipo, mas também com a chegada de Polinices. Além disso, Teseu é justo e moderado ao punir Creonte. Com relação a isso, Reinhardt<sup>63</sup> aponta que o rei encarna a justa medida e, assim, trata com dignidade até mesmo os inimigos, pois sua punição consiste apenas na reparação do mal causado.

Ao contrário do rei de Atenas, Creonte assume todas as fraquezas de caráter responsáveis por tornar um personagem vil. Ele tenta enganar o coro para conseguir o que deseja, apresenta uma falsa piedade, profere ameaças verbais e, por fim, parte para violência física. Suas ações, portanto, não condizem com as palavras que iniciam seu discurso.

Assim como Teseu representa Atenas, podemos afirmar que as atitudes de Creonte refletem sua pátria. Tebas é, portanto, uma figura oposta a Atenas. A antiga pátria de Édipo

---

<sup>61</sup> Versos 738 e 741.

<sup>62</sup> *Op. cit.* pág. 271.

<sup>63</sup> *Op. cit.* pág. 273.

apresenta-se como uma cidade dividida em que, como afirma Vidal-Naquet,<sup>64</sup> há três pretendentes para o trono: Creonte (v. 851), Eteolces e Polinices (vs 371 – 373). Atenas, ao contrário, não apresenta qualquer divisão. As decisões acerca da chegada de Édipo são tomadas em comum acordo. Toda a *pólis* aceita o acolhimento do herói; isso não é uma imposição de Teseu. Tebas também se opõe a Atenas na medida em que é a causadora dos males de Édipo, enquanto Atenas é sua salvadora.

Segundo Blundell,<sup>65</sup> Creonte tenta utilizar o recurso da *philia* a seu favor. O argumento do personagem se fundamenta no seguinte princípio: ao proferir maldições contra o cunhado, Édipo desrespeitou a *philia* que deveria haver entre eles por causa do parentesco. Assim, Creonte, teria o direito de punir seus opositores e, por isso, captura as filhas de Édipo. O argumento, entretanto, não é válido, visto que já fora mencionado anteriormente que o próprio Creonte já não respeitara a *philia* no passado, ao expulsar Édipo de Tebas sem se preocupar com sua condição de exilado. Além disso, devemos considerar que a maldição proferida por Édipo nos versos 864 – 870 é posterior à violência sofrida pelo personagem, o que evidencia de modo ainda mais claro a falsidade do discurso de Creonte.

Enquanto tenta justificar a Teseu suas ações, Creonte recorda os feitos que macularam Édipo:

*Sabia que não acolheriam um homem  
parricida e impuro, para quem os laços  
nupciais se revelaram os mais sacrílegos.*

(Versos 944 – 946)

O herói profere então sua terceira defesa. Nesse caso, Édipo é formalmente acusado por Creonte e responde pontualmente a cada acusação. A argumentação adquire um tom bem mais persuasivo do que os demais discursos de defesa, pois, agora, Édipo encontra-se diante de um acusador e precisa provar sua inocência não só ao coro e a Teseu, mas ainda ao espectador da peça.

---

<sup>64</sup> VERNANT & VIDAL-NAQUET. “Édipo entre duas cidades” In: *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Ed. Perspectiva, 1999. Pág. 293.

<sup>65</sup> *Op. cit.* pág. 234.

Inicialmente, Édipo se declara vítima das ações divinas. Esse argumento se aplica, de modo geral, tanto ao incesto quanto ao parricídio e parece bastante convincente, entretanto, o personagem passa a desenvolver uma argumentação mais precisa, enumerando argumentos que o inocentem com relação à morte do pai. Em primeiro lugar, é mencionado que, mesmo antes do nascimento de Édipo, fora predito que Laio morreria pelas mãos de um filho. Nesse caso, o herói se coloca como joguete dos deuses, o que o livra da culpa. Em seguida, o personagem se vale do argumento da inconsciência, também válido para inocentá-lo de seus crimes. Tais argumentos por si só já seriam válidos para provar a inocência de Édipo; porém o personagem menciona ainda que agiu em auto-defesa e insinua ainda que o próprio Creonte teria agido da mesma forma. Acrescenta, por fim, que, se o próprio Laio pudesse julgá-lo, não o condenaria.

Como se nota, essa defesa é mais organizada e precisa e, portanto, mais persuasiva do que as anteriores. Não há interrupção e Édipo se porta como se estivesse diante de um tribunal. Seus argumentos vão evoluindo até envolver completamente o coro e o espectador, o que também é responsável por desmascarar Creonte. Se observarmos as três defesas do herói, podemos notar um movimento como que do *caos* para a *ordem*, movimento esse, que coincide com a personalidade do protagonista na peça.

A chegada de Polinices também traz indícios da evolução de caráter do herói do drama. O ódio expresso em relação ao filho é tão expressivo que ele hesita em dirigir a palavra ao filho. Polinices discursa por um tempo considerável até que seu pai profira algumas palavras em resposta.

Quando finalmente se digna a responder, o herói profetiza a morte dos dois filhos. Ao assumir o *status* de profeta, não é difícil perceber que Édipo está cada vez mais próximo dos deuses e, cada vez mais distante de seu lado humano.

A saída de Polinices precede a bela cena de despedida entre Édipo e as filhas. Novamente, o herói mostra todo o amor que nutre pelas meninas, o que contrasta com a cena anterior, em que prediz o mútuo assassinio dos filhos. Também aqui, seu amor assume proporções heróicas.

O final da peça tem características sobrenaturais, que coroam a transformação de Édipo em herói. O personagem sabe que é chegado o momento de sua morte devido aos sinais enviado por Zeus. Os clarões e relâmpagos que precederiam os instantes finais da

vida de Édipo, segundo a profecia mencionada nos versos 91 – 95, já são perceptíveis pelo coro e pelos personagens da peça. Após a chegada de Teseu, Édipo se torna seu próprio guia. Durante sua vida errante, o herói fora guiado pela filha por causa da cegueira. Agora, dotado de uma clarividência que o eleva acima do ser humano comum, o personagem é que passa a guiar seus companheiros para o interior do santuário. Percebe-se que a condição heróica lhe proporciona poderes antes desconhecidos.

Nesse ponto da peça, há a entrada de um canto coral que assume a forma de uma prece para que Édipo deixe a vida sem sofrimento. Os deuses infernais são mencionados diversas vezes pelo coro, o que proporciona à cena uma forte atmosfera religiosa. Novamente, o herói passa a inspirar temor religioso, já que se identifica com os deuses ctônicos, aos quais se unirá após a morte.

Como não é permitido a ninguém, exceto a Teseu, conhecer o local exato da morte de Édipo, a descrição da cena nos é revelada por meio de um mensageiro. sua narração é fortemente permeada pelo sentido religioso. Inicialmente, há a descrição de um ritual pelo qual passa Édipo antes de morrer. A cena é mostrada com riqueza de detalhes, o que serve para intensificar esse sentimento religioso que envolve a morte do herói. Édipo é finalmente chamado pela voz divina, o que indica que o personagem está muito próximo dos deuses.

Sabemos que a condição heróica consiste em uma situação intermediária entre o humano e o divino. À medida que a peça evolui, Édipo passa a se situar mais próximo dos deuses do que dos seres humanos comuns. Em oposição ao início da peça, nos momentos finais de sua vida, o personagem é muito mais divino do que humano. Não há mais fragilidade, não há mais cegueira. Édipo não precisa mais ser protegido; a partir de agora, é ele quem protegerá Atenas.

## **Bibliografia:**

ALLÉGRE, F. *Sophocle. Étude sur les ressorts dramatiques de son theatre et la composition de ses tragédies*. Lyon, 1905.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Euduro de Sousa. Ars poética, São Paulo: 1993.

BLUNDELL, M. W. *Helping Friends and Harming Enemies. A Study in Sophocles and Greek Ethics*. Cambridge University Press.

BOWRA, C. M. *Sophoclean Tragedy*. Oxford, Carendon Press, 1994

BUXTON, R. *Persuasion in Greek Tragedy. A Study of a Peitho*. Cambridge, 1982.

CALAME, C. “Mort héroïque et culte à mystère dans l’Oedipe à Colone de Sophocle: actes rituels au service de la création mythique.” In: *Ansichten Griechischer Rituale*. B. G. Teubner Stuttgart und Leipzig, 1998.

GOLDHILL, S. *Reading Greek Tragedy*. Cambridge University Press.

JONES, J. *On Aristotle and Greek Tragedy*. Oxford, 1962.

KAMERBEEK, J. C. *The plays of Sophocles. Commentaries. Part VII. The Oedipus Coloneus*. Leiden, E. J. Brill, 1984.

KITTO, H. D. F. *A Tragédia Grega*. Vol II. Trad. José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Armenio Amado Editora, 1990.

KNOX, B. M. W. *The Heroic Temper. Studies in Sophoclean Tragedy*. University of California Press. Berkeley, Los Angeles, London, 1983.

LLOYD-JONES & WILSON. *Sophoclea. Studies on the text of Sopcles*. Oxford, 1990.

REINHARDT, K. *Sophocle*. Trad: Emmanuel Martineau. Paris: Minuit, 1994.

ROMILLY, J. *A tragédia grega*. Trad. Ivo Martinazzo. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1998.

SEGAL, C. *Tragedy and Civilization. An interpretation of Sophocles*. Cambridge Mass, 1981.

\_\_\_\_\_ *Interpreting Greek Tragedy. Myth, Poetry, Text*. Cornell University Press.

SOFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2001.

VERNANT & VIDAL-NAQUET, *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Ed. Perspectiva, 1999.

WEBSTER, T. B. L. *An Introduction to Sophocles*. Oxford, Carendon, Press, 1936.

WHITMAN, C. H. *The Heroic Paradox. Essays on Homer, Sophocles and Aristophanes*. Cornell University Press, 1982.

WINNINGTON-INGRAM, R. P. *Sophocles: an interpretation*. Cambridge University Press.